UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR NO MUNICÍPIO DE PAULISTA (PE)

EVERTON ESTEVÃO DE MELO

RECIFE
2019

EVERTON ESTEVÃO DE MELO

EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR NO MUNICÍPIO DE PAULISTA (PE)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Mônica Cox de Britto Pereira

RECIFE

2019

EVERTON ESTEVÃO DE MELO

EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR NO MUNICÍPIO DE PAULISTA (PE)

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª Mônica Cox de Britto Pereira
Professora do Departamento de Ciências Geográficas
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.ª Dr.ª Priscylla Karoline de Menezes
Professora do Departamento de Ciências Geográficas
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.ª Dr.ª Lourinalda Luiza Dantas da Silva Selva de Oliveira
Professora do Departamento de Química
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife, 13 de dezembro de 2019

Dedico esse trabalho a minha mestra, Puerê. A minha avó, Josefa Amélia. A minha mãe, Estervian e todas as mulheres, sábias e guardiãs do conhecimento ancestral e popular.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à vida! Ao longo da minha trajetória tenho aprendido que é preciso ter esperança. Esperança na vida. Esperança nas mulheres, nos homens e em todas as criaturas, mas sobretudo é preciso ter esperança em nós mesmos!

Agradeço às companheiras e companheiros de caminhada, pois com vocês esse caminhar é mais belo, ainda que as vezes seja duro, é mais animador, ainda que as vezes seja desafiador e é mais intenso, ainda que as vezes seja exaustivo.

Agradeço às amigas e amigos do Centro de Educação e Formação em Medicina Popular – CEFOMP Paulista (PE). Esse trabalho é um constructo social e vocês são parte fundamental dessa construção. Sem a contribuição e o apoio de vocês esse trabalho não seria possível, tão pouco faria sentido. Estendo também o meu agradecimento ao grupo Boninas. Vocês se tornaram uma inspiração para mim ao longo desse trabalho!

Agradeço ao Centro Nordestino de Medicina Popular, na figura de Conceição Paiva, pessoa sensível e solícita, que contribuiu para o enriquecimento desse estudo.

Agradeço as camponesas e aos camponeses, guardiãs e guardiões das matas paulistenses, pessoas sábias com quem tive a oportunidade de conviver e aprender.

Agradeço às integrantes do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agreocologia e Geografia – NEPPAG Ayni que me acolheram. Estendo meu agradecimento a minha orientadora e coordenadora do núcleo, professora Mônica Cox, pela sua dedicação e orientação ao longo desse trabalho.

Agradeço a minha família, por todo o amor e dedicação fundamental para que eu pudesse percorrer esse caminho e chegar ao fim desse ciclo.

RESUMO

O paradigma da ciência moderna é entendido como um padrão inexorável a ser seguido e inclui um conjunto de valores, teorias e crenças partilhadas, sendo influenciado por aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais decorrentes do modelo de desenvolvimento hegemônico. Nessa perspectiva, buscou-se realizar uma reflexão sobre a crise paradigmática do pensamento ocidental moderno, bem como evidenciou-se a emergência de alternativas de produção e reprodução da vida através da promoção da saúde, com base nos princípios dos saberes e práticas de uso e manejo das plantas medicinais assentados nas concepções da Agroecologia e da Educação Popular. Desse modo, o objetivo do trabalho foi compreender o contexto e a experiência do Centro de Educação e Formação em Medicina Popular - CEFOMP Paulista (PE) na promoção da saúde humana e ambiental. Em termos metodológicos que orientaram o estudo utilizou-se abordagem qualitativa e pesquisa participante. Os resultados evidenciam que os saberes e práticas das/os agentes sociais que compõem o CEFOMP são promotoras de saúde e trabalham desde uma perspectiva de resgate, fortalecimento e revalorização da sabedoria popular.

Palavras-Chave: Experiência Agroecológica, Medicina Popular, Promoção da Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR – CEFOMP PAULISTA (PE) 12

2. EDUCAÇÃO POPULAR, AGROECOLOGIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE 34

3. A FARMÁCIA VIVA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CEFOMP 39

3.1. Educação Popular e a experiência agroecológica com plantas medicinais do CEFOMP 40

3.2. O debate público sobre Segurança Alimentar e Nutricional no município de Paulista 47

3.3. Articulação social e o fortalecimento da agricultura camponesa 49

CONSIDERAÇÕES FINAIS 53

REFERÊNCIAS 55

INTRODUÇÃO

No tempo presente, a crise civilizacional decorrente do desenvolvimento contraditório do capitalismo, entendido como sinônimo de crescimento econômico, urbanização do território e modernização, tem acarretado diversos conflitos socioambientais que tem aprofundado as desigualdades socioeconômicas e impulsionado a degradação ambiental em escala planetária. Esta vem sendo traduzida na desqualificação e perda dos saberes e práticas tradicionais, no empobrecimento da diversidade sociocultural e ecológica, na insegurança alimentar e nutricional das populações camponesas e urbanas e na indissociável perda da saúde humana e ambiental (Pereira, 2005). Tal crise, seguramente, evidencia a insustentabilidade do modelo de desenvolvimento capitalista e tem suscitado o debate sobre alternativas e transições ao paradigma dominante.

Na esteira desse processo, experiências orientadas pelos saberes e práticas de uso e manejo dos agroecossistemas e de conservação da agrobiodiversidade tem sido reconhecidas e evidenciadas como alternativas de promoção da saúde e revalorização dos saberes populares, expressados nas formações e práticas de manejo e de uso das plantas medicinais, a exemplo da experiência agroecológica vinculada a construção dialógica do conhecimento por meio da educação popular gestada pelo Centro de Educação e Formação em Medicina Popular (CEFOMP) no município de Paulista (PE).

O CEFOMP é construído por mulheres e homens portadores de conhecimentos relacionados as plantas medicinais e ao cuidado com a saúde, engajados no trabalho de cultivo e na produção de medicamentos naturais visando fortalecer a sabedoria popular e, nesse sentido, buscam despertar na sociedade a importância de valorizar tal sabedoria através de formações e seminários realizados no âmbito da instituição. Além de seu papel enquanto agente de promoção da saúde por meio da medicina popular, o CEFOMP desenvolve ações de incidência política no município com a finalidade de realizar o controle social e assegurar a efetivação de políticas públicas que atendam as demandas sociais.

A experiência em tela que engendra as reflexões sublinhadas nessas linhas suscitou os seguintes questionamentos: quais são as estratégias utilizadas pelo CEFOMP para a revalorização e o ensino dos saberes e práticas de manejo e uso das plantas medicinais para a promoção da saúde no município de Paulista? De que maneira a articulação social do CEFOMP pode contribuir para a promoção da saúde humana e ambiental nesse contexto?

Nessa perspectiva, o trabalho tem como **objetivo geral**: compreender o contexto e a experiência do Centro de Educação e Formação em Medicina Popular - CEFOMP Paulista

(PE) na promoção da saúde humana e ambiental. E consideramos como **objetivos específicos**: (1) contextualizar o processo histórico de formação do CEFOMP, (2) traduzir as práticas e saberes de manejo e uso das plantas medicinais no CEFOMP e como se realiza o ensino desses saberes e práticas; (3) descrever de que maneira a educação popular, a experiência agroecológica e a articulação social permitem ao CEFOMP impulsionar a promoção da saúde humana e ambiental no município.

Portanto, para atingir os objetivos elencados, a pesquisa apoiou-se em revisão bibliográfica pertinente ao tema. Foram realizadas idas à campo e visitas ao CEFOMP, intentando planejar e executar a coleta de dados. A coleta de dados realizou-se em duas etapas: a primeira por meio de entrevistas diretas com os sujeitos sociais que integram o grupo, bem como instituições e membros fundadores, no sentido de compreender os aspectos históricos e culturais da experiência. A segunda foi composta de um roteiro de perguntas a respeito das práticas e saberes de uso e manejo das plantas medicinais e do agroecossitema local, e como se dá o processo de ensino e valorização desses saberes e práticas e de que maneira o CEFOMP se articula no sentido de promover saúde e contribui com transformações socioambientais no município de Paulista. As respostas foram gravadas em áudios, com autorização dos sujeitos entrevistados, como forma de centrar a atenção no processo de comunicação.

De forma complementar, também foram feitos registros fotográficos com a finalidade de ampliar a compreensão e contextualização da dinâmica da experiência estudada. Orientados pelos postulados de Paulo Freire (2015), que preconiza a valorização da escuta, especialmente na comunicação com os sujeitos elencados nessas linhas, é parte de nossa reflexão acadêmica de forma a se aprofundar e avançar em metodologias que permitam o diálogo de saberes. Foi utilizada a observação direta e participante (Brandão, 2007) nesses diálogos, assim, ao longo da trajetória da pesquisa e das idas à campo foram acompanhadas reuniões e atividades no CEFOMP de acordo com o cronograma abaixo:

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DE CAMPO	**2019**	**2019**
	1º semestre	**2º semestre**
Elaboração do roteiro de campo	X	
Participação da II Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional (17/07/2019)		X
Participação em mutirões no CEFOMP	X	X
Organização e participação do I Seminário da Agricultura Familiar de Base Agroecológica (22/10/2019)	X	X

Participação de reuniões	X	X
Participação no seminário de avaliação do projeto "Sistemas Alimentares Sustentáveis: Caminhos para a Alimentação Saudável" (19 e 20/11/2019)		X
Audiência pública (04/12/2019)		X
Entrevistas	X	X
Levantamento e estruturação dos dados (transcrição de áudios e organização de fotos)		X

O interesse pelo tema foi despertado em função da história do pesquisador e de sua trajetória acadêmica. O meu primeiro contato com o CEFOMP é anterior a meu ingresso na universidade e se confunde com a minha experiência de vida no município de Paulista, onde vivi toda a minha infância e parte da minha adolescência e nesse interim conheci, através da minha avó materna (agricultora, que cultivou durante muitos anos uma diversidade considerável de plantas, dentre as quais se destacavam as medicinais), o trabalho realizado nesse espaço ainda em sua institucionalização, no final da década de 1990.

Esporadicamente, quando criança e também na adolescência em companhia de minha avó, realizava visitas ao CEFOMP e nessas oportunidades pude conhecer um pouco dos saberes e fazeres sobre as plantas medicinais e a cura pela natureza. Em 2015, ano anterior a meu ingresso no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), participei como voluntário da 1ª Feira Agroecológica de Paulista, onde alguns integrantes do CEFOMP estavam a frente da organização do evento em parceria com o Grupo de Segurança Alimentar e Nutricional de Paulista (GSANPA).

Essa experiência me colocou em contato com o movimento agroecológico, com agricultoras e agricultores do município e com seus saberes e práticas. No ano seguinte, ingressei na universidade e devido a distância, senti a necessidade de morar mais próximo do campus e inevitavelmente me distanciei do CEFOMP, mas as sementes da Agroecologia e da Medicina Popular já tinham sido lançadas...

No transcorrer da graduação tive a oportunidade de conhecer e integrar o Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia (NEPPAG Ayni) sediado no Departamento de Ciências Geográficas da UFPE. A minha participação no NEPPAG vem possibilitando um aprofundamento em minhas reflexões sobre a Agroecologia por meio de leituras, debates, escritas e participações em eventos que contribuem fundamentalmente para a minha formação. O trabalho de comunicação com as comunidades, com as agricultoras e agricultores, guardiãs e guardiões de sementes, realizado pelos integrantes do

NEPPAG, oportunizou maior entendimento dos processos e experiências de base agroecológica e alimentou meu interesse em compreender as dinâmicas da experiência do CEFOMP no âmbito do município de Paulista.

Dessa maneira, este trabalho está subdividido em três capítulos, sendo o primeiro deles intitulado “CONTEXTO HISTÓRICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR – CEFOMP PAULISTA (PE)” que aborda o contexto histórico da experiência estudada, desde a origem até o presente momento. O segundo capítulo “EDUCAÇÃO POPULAR, AGROECOLOGIA, PROMOÇÃO DA SAÚDE” trata das abordagens teóricas que se entrecruzam e fundamentam a construção das reflexões da pesquisa. O terceiro capítulo, "A FARMÁCIA VIVA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CEFOMP ", apresenta os resultados da pesquisa e revela os dados qualitativos oriundos da experiência estudada.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM MEDICINA POPULAR – CEFOMP PAULISTA (PE)

Nosso trabalho de contextualização histórica do CEFOMP parte da premissa que se faz imperioso compreender a conjuntura política do período e a história das/os agentes sociais responsáveis pela sua fundação. Nesse sentido, busca-se evidenciar e valorizar o papel das pessoas envolvidas nesse processo, destacando em seus depoimentos as suas trajetórias e relacionando-as com a história da instituição a qual nos dedicamos ao estudo, lançando mão do referêncial teórico que se debruçou na reflexão e compreensão desse processo histórico. Nessa perspectiva, cabe salientar o papel das/os fundadoras/es no contexto político da época, como também os caminhos percorridos rumo a convergerência para a gestaçao da experiência em tela. Oportuno se faz ressaltar o papel histórico de uma das fundadoras do CEFOMP em sua trajetória de luta política:

> Eu me chamo Terezinha Santos Farias. Meu caminho é longo, ainda muito jovem saí do Maranhão com duas filhas e vim pra Pernambuco, fiquei em Petrolina. Quando cheguei em Petrolina tive a sorte de já iniciar trabalhando na diocese de Petrolina, na época o bispo era Dom Gerardo Pontes, e eu já tinha trabalhado na diocese do Maranhão. Então comecei a trabalhar na diocese de Petrolina em um projeto chamado MER (Movimento de Evangelização Rural), e então eu trabalhava com as agricultoras e agricultores e nós fazíamos as reuniões em baixo de um pé de umbuzeiro. Era belo! Quando eu cheguei ainda muito jovem, na década de 1970, eu percebia que as mulheres agricultoras eram muito submissas e sofridas. Então eu comecei a trabalhar com as mulheres a questão do poder da mulher, do empoderamento da mulher. A mulher sabe, a mulher pode e é a mulher que faz! Nas jornadas de trabalho eu percebia que havia uma grande diferença entre o homem e a mulher. Mesmo os homens agricultores não ajudavam as mulheres. Era aquela história: “eu sou homem! Eu trabalhei o dia todo, agora você faz a janta e vai ter que me assessorar naquilo que eu preciso”. Nesse sentido eu comecei a discutir essa questão com a equipe, então fui para esse viés de trabalhar o empoderamento da mulher dentro do projeto (FARIAS, 2019).

Nesse contexto da década de 1970 destaca-se o papel de membros da Igreja Católica inseriros nos movimentos sociais e nos grupos, a exemplo do MER e da Ação Católico Rural (ACR). O MER se dedicava ao fotalecimento das lutas no campo de Pernambuco, como no processo de articulação e mobilização social das trabalhadoras e trabalhadores rurais em paceria com organizações e sindicatos que buscavam contribuir com o processo de emancipação da classe trabalhadora camponesa como salienta Maria do Socorro (2003) em sua pesquisa:

> Um outro grupo que surgiu a partir do trabalho da Igreja, foi o Movimento de

> Evangelização Rural (MER). Entre outras coisas, ele se diferenciava da ACR com relação à sua visão de política: enquanto a ACR, em suas capacitações, sugeria que o trabalhador deveria fazer uma análise e votar nos candidatos mais comprometidos, o MER considerava que, como não era possível conscientizar a maioria dos trabalhadores, estes terminavam sendo ludibriados e utilizados pelos políticos; sendo assim, sua proposta era de defesa do voto nulo. As questões político-partidárias deveriam ser deixadas de lado e o trabalhador atuar muito mais em suas questões específicas, sindicais (ABREU E LIMA, 2003, p. 204).

Terezinha salienta a sua atuação junto as trabalhadoras e trabalhadores rurais que se articulavam na luta pela terra no âmbito do muncípio de Petrolina, sertão do estado de Pernambuco, relatando uma experiência de ocupação popular:

> De repente cai em minhas mãos uma coordenação de uma ocupação enorme em um lugar chamado Areia Branca (Petrolina), em um grande terreno desocupado e muitas pessoas que vieram de vários lugares ocuparam essa área. Daí por diante já tinha aproximadamente trezentas famílias. Então um alemão, o irmão Afonso, disse assim: Terezinha nós temos uma tarefa aqui para a gente trabalhar, para a gente coordenar uma ocupação. Então eu o questionei: mas como eu vou fazer? Como eu vou ficar nessa coordenação? Isso é uma questão que tem que estar todos os dias e eu trabalho na equipe rural. Então ele disse: eu vou falar com o bispo, eu lhe tiro da equipe rural e a coloco aqui para trabalhar na coordenação dessa ocupação. E aí eu fiquei na coordenação da ocupação e foi uma experiência riquíssima na minha vida. Eram barracos de lona, quentes durante o dia, pois Petrolina é muito quente. Então a gente buscava lugares onde tinham árvores e fazíamos rodas de conversas. Fazíamos rodas de conversas com mulheres e homens juntos. Disso surgiu um programa de rádio chamado A Hora e a Vez das Comunidades na emissora rural de Petrolina, e eu passei aproximadamente três anos fazendo esse programa. Era um programa que a gente divulgava o trabalho que se estava fazendo e chamava mais alguém para participar. Eu sei que foi muito interessante na época que fizemos esse trabalho. Foi uma luta muito grande e eu só larguei a coordenação dessa ocupação quando o pessoal recebeu os lotes. (FARIAS, 2019).

Nesse contexto, a entrevistada destaca seu trabalho de comunicação e mobilização, relatando um processo de conflito decorrente de uma ocupação a qual esteve a frente junto com a comunidade lutando pelo direito a moradia, bem como a resistência do grupo social frente a truculência do Estado representado pelo poder público local:

> Era uma coisa incrível como o povo resiste e isso eu aprendi. Durante o dia o pessoal estava nos barracos e chegava o trator que o prefeito mandava e derrubava os barracos. Quando eles terminavam de derrubar os barracos o pessoal saia juntando as madeiras, papelão rasgado, as lonas e passavam a noite toda erguendo os barracos, quando amanhecia o dia os barracos estavam de pé e o pessoal estava lá dentro

> novamente. Nós passamos três anos e oito meses nessa luta, a gente indo a prefeitura, comissões e mais comissões. A gente sempre estava organizando uma comissão para ir a prefeitura e já tinha um outro grupo que a gente estava preparando para ir aos outros órgãos. Um dia chegou a notícia. Alguém chegou procurando quem era o responsável pelo Papelão, a ocupação era chamada Vila Papelão. Então nós anunciamos a ordem de entrega dos lotes para o pessoal E aí a gente continuou nessa luta, então eu me envolvi com outros grupos e foi ampliando e a gente fundou o Partido dos Trabalhadores. Petrolina foi a primeira cidade no sertão a fundar o PT. Eu fui a primeira secretária do PT de Petrolina (FARIAS, 2019).

A entrevistada (Fotografia 1) evidencia a importância dessas experiências junto aos movimentos sociais para a sua formação política, e nesse sentido, afirma que seu trabalho só fazia sentido se fosse realizado conjuntamente com as trabalhadoras e trabalhores. Terezinha ressalta seu envolvimento com diversos grupos dentre os quais se destacam os relacionados a igreja e aos sindicatos nas lutas da classe trabalhadora:

> A partir daí eu comecei a participar do MTC (Movimento dos Trabalhadores Cristãos) que na época era a Ação Católico Operária (ACO). Então fui para Recife para fazer a assessoria de um sindicato, o Sindicato dos Tecelões de Paulista. João Francisco, que era membro da Ação Católico Operária de Recife, participava de uma equipe da ACO em Petrolina que eu fazia parte. Então eu vim morar em Paulista para fazer a assessoria do sindicato e a gente organizou uma chapa de oposição, pois tinha um pelego que estava há mais de dez anos no sindicato e a gente organizou essa chapa que eu assessorei, foi uma grande luta, mas a gente ganhou. Nesse período eu fui para a área da educação, quando me formei em pedagogia e fiz várias especializações, mas o meu trabalho sempre foi com os movimentos sociais. Eu tenho orgulho da minha trajetória pois contribuí para o crescimento de vários grupos dos movimentos sociais (FARIAS, 2019).

Fotografia 1: Entrevistada Terezinha Farias

Fonte: O autor, 2019

Terezinha sinaliza a importância dos movimentos sociais na luta por saúde e

evidencia sua participação em instituições envolvidas com esse processo no contexto do nordeste brasileiro e em diversas localidades no Brasil. Essa mobilização foi responsável pelo fortalecimento da luta pela implantação de uma política pública de saúde, desde uma concepção social e política dos movimentos populares:

> Além do sindicato, eu trabalhei onze anos no Centro Nordestino de Medicina Popular. Eu coordenava um projeto intitulado Políticas Públicas e Controle social no qual o Ramos era meu aluno e nesse período viajei pelo sertão e pelo agreste de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Alagoas fazendo assessoria as trabalhadoras e trabalhadores nessa área de saúde e controle social, mas eu sempre trabalhei na área política de saúde, não de saúde enquanto ação prática, mas na política de saúde. Sou uma das fundadoras do SUS (Sistema Único de Saúde), tenho um grande orgulho disso porque participei da coordenação estadual e da coordenação nacional do MOPS (Movimento Popular de Saúde). De 1979 a 1988 eu estava na coordenação do MOPS nacional e viajava esse Brasil inteiro na coordenação desse movimento. Em 1984 eu participei daquele grande movimento "Diretas Já" e levei muitas carreiras da polícia na Avenida Conde da Boa Vista no Recife, junto com o João Francisco e todo mundo da ACO. Em agosto de 1988, no ano da nossa grande constituição cidadã a gente estava lá em Brasília entrando junto com a caravana de Pernambuco e Ulysses Guimarães que era o presidente da constituinte na época ficou com medo da gente batendo nas portas e não deixava a gente entrar. Ele disse que só deixaria a gente entrar se Jair Meneguelli viesse ou Luis Inácio Lula da Silva. Vieram os dois e disseram: pode abrir pois são os nossos companheiros de Pernambuco. Então a gente entrou para entregar nas mãos de Ulysses Guimarães um abaixo assinado. Esse abaixo assinado era exatamente o texto que hoje está escrito o Sistema Único de Saúde, a Lei 8080 e 8142. Foi o texto das duas leis que o Brasil inteiro foi entregar a Ulysses Guimarães para colocar na constituição. Nosso lema nas faixas era "A saúde que temos e a saúde que queremos" (FARIAS, 2019).

Em seu percurso, Terezinha participou de diversos movimentos e ações, desde o trabalho de fortalecimento feminimo com as trabalhadoras rurais nos idos de 1970 em Petrolina/PE no âmbito do Movimento de Evangelização Rural (MER), e nesse mesmo contexto atuou na luta pela terra e desenvolveu um trabalho de comunicação popular em uma emissora de rádio rural contribuindo fundamental no debate sobre os conflitos de uma ocupação local. Salienta-se também seu envolvimento nas lutas sindicais transcorridas no âmbito de movimentos gestados por membros da igreja católica, a exemplo da Ação Católico Operário (ACO), que posteriormente se transformou no Movimento dos Trabalhadores Cristãos (MTC) que marca sua chegada ao município de Paulista/PE nos anos de 1980. Mas foi no seio do Centro Nordestino de Medicina Popular (CNMP) que

Terezinha ingressou na luta por uma política de saúde e que a levou a integrar o Movimento Popular de Saúde (MOPS) e a ter os primeiros contatos com os sujeitos que posteriormente seriam responsáveis pela fundação de grupos, instituições e redes vinculadas a Medicina Popular, a exemplo do CEFOMP.

Segundo Karla Silva (2017) o Centro Nordestino de Medicina Popular (CNMP) é uma ONG fundada em 1988 que desenvolve trabalhos voltados para comunidades visando incentivar o uso de plantas medicinais e nesse sentido vem disseminando e valorizando a medicina popular na região. De acordo com Mores e Carriconde (2009), o trabalho desenvolvido pelo CNMP era considerado como medicina de pobre, havia uma certa desqualificação desse tipo de trabalho junto as comunidades, mas isso foi sendo ressiginficado ao longo do tempo e passou a ter reconhecimento e legitimidade:

> A primeira vez em que Carriconde defendeu a Fitoterapia a um público específico de saúde foi no II Encontro Nacional de Medicina Comunitária (ENEMEC) realizado em Pernambuco em 1980. Nessa ocasião, as ideias não foram muito bem acolhidas, como relata o médico: "O pessoal me acusava de fazer medicina de pobre. Mas isso foi mudando quando começaram a ver o trabalho da gente, o empoderamento das pessoas, o resgate do saber e do saber fazer do povo". Posteriormente, o ENEMEC passou a se chamar Movimento Popular de Saúde (MORES e CARRICONDE, 2009, p. 85).

Em sua pesquisa, Joene Maria (2016) frisa o papel desempenhando pelo MOPS para a dilatação dos canais de participação da sociedade na formulação e efetivação das políticas públicas, no controle social bem como na luta pela democratização do acesso a saúde para a sociedade brasileira:

> Pode-se afirmar que o Mops acarretou, ao longo do tempo, importantes mudanças na configuração da saúde pública, uma vez que, por meio da interdependência de diversos atores, contribuiu com a implantação da reforma do sistema brasileiro de saúde, com a construção do processo de representação da população nos canais participativos (COSTA, 2016, p. 54).

Nesse contexto, a história do CEFOMP está intimamente vinculada a luta por saúde no âmbito do município de Paulista. Vale salientar o papel da igreja e dos movimentos sociais em sua gestação. O CEFOMP (Fotografia 2) é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos localizada no centro do município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife (RMR), estado de Pernambuco. A organização dessa instituição foi iniciada na década de 1990, mais precisamente no ano de 1993, resultante de um processo histórico anterior a sua fundação, tendo como base os movimentos sociais e a participação de membros da igreja católica como destaca em entrevista o atual presidente

(Fotografia 3) do CEFOMP, Ramos Sena:

> Iniciei meu trabalho na década de 1980 ingressando nas comunidades eclesiais de base, um dos grupos muito fortes aqui junto com a igreja e os movimentos sociais, quando começou a surgir as ocupações de terras, e em Pernambuco fizemos muitas campanhas para ajudar o Engenho Pitanga e o Engenho Umbú. Nessa trajetória nós assumimos um trabalho no bairro de Jardim Paulista com hortaliças e dentro dessa horta surgiu a ideia de fazer um trabalho intercalado, plantando hortaliças e ao mesmo tempo também plantando remédios, que eram as plantas medicinais. Enquanto isso surgia também a ideia de fundar a Pastoral da Saúde que em alguns bairros já existia. Existia em Maranguape I, Paratibe, Maranguape II e nós iniciamos em Jardim Paulista nessa época também, mas já havia o desejo de criar algo que passasse pra gente uma segurança. Naquela época nós criamos a Pastoral da Saúde e em 1997 nós institucionalizamos e passou a ser o Centro de Educação e Formação em Medicina Popular (SENA, 2019).

Fotografia 2: CEFOMP

Fonte: O autor, 2019

Fotografia 3: Entrevistado Ramos Sena

Fonte: O autor, 2019

Ramos destaca o trabalho do CNMP para a gestação e o fortalecimento da experiência do CEFOMP, bem como a importância das Comunidades Eclesias de Base (CEBs) vinculadas a igreja e aos movimentos socias, e é nesse período que tem o seu primeiro contato com Terezinha e outros sujeitos fundadores do CEFOMP tais como o Padre Isaías . Terezinha também frisa o papel da igreja, especialmente do padre que segundo ela "foi um dos grandes animadores desse processo", conjuntamente com a comunidade envolvida no trabalho com as plantas medicinais. Padre Isaías fortaleceu essa mobilização e contribuiu fundamentalmente para a materialização da instituição:

> A história do CEFOMP começou com a chegada de um padre que eu amo de verdade! O pessoal vivia dizendo: Terezinha, chegou um padre em Paulista que você vai gostar! Um dia teve uma procissão no bairro de Maranguape. Quando eu cheguei nessa procissão tinha muita gente, um carro de som muito alto ligado e uma pessoa falando, então eu perguntei: minha gente, cadê o padre? Por que em uma procissão de santo tem um sindicalista falando? Eu sou sindicalista e fundei cinco sindicatos em minha vida. Perguntei a um companheiro: Ivanildo, por que é um sindicalista falando em vez de um padre? O companheiro responde: não sei não. A gente vai avançando e chegando mais próximo, está lá aquele cabra alto, negro, bonito, dos olhos verdes com o microfone na mão. Eu perguntei a uma senhora ao lado: ele é quem? Ao que ela responde: ele é o padre Isaías! Então eu disse: Ivanildo, pelo amor de Deus o homem é o padre. Então eu disse: com esse padre eu quero trabalhar. E a gente se chegou e foi conversando com o Isaías. Aí ele foi e disse assim: bora fundar a Pastoral da Saúde!? Eu disse: vamos! E aí fomos mobilizando o pessoal, organizando muitas reuniões para chegar a fundar essa Pastoral da Saúde. Muitas dessas reuniões para fundar a Pastoral da Saúde e posteriormente o CEFOMP aconteciam na casa de Ramos a noite e no salão paroquial da igreja (FARIAS, 2019).

Terezinha, assim como Ramos, salienta a preocupação na época com a continuidade da experiência e nesse interim busca alternativas conjuntamente com o Padre Isaías (Fotografia 4) e demais agentes envolvidas/as no processo de fundação do CEFOMP. O interesse em estabelecer o trabalho em um espaço independente da igreja é reiteradamente evidenciado pelos membros do grupo e, nesse sentido, salienta-se a mobilização na busca por um local que acolhesse a experiência:

> Foi feita uma missa linda demais e fundamos a Pastoral da Saúde. Umas das coisas que nós organizamos para essa missa era que o ofertório não seria dinheiro. A gente disse: quem quiser dar dinheiro tudo bem, mas o intuito é que todo mundo que for pra missa leve uma plantinha. Isso foi divulgado em todas as comunidades três meses antes da realização dessa missa. Certo dia eu disse: Isaías, o movimento da Pastoral da Saúde tá muito bom, é muito importante isso, mas existe uma outra questão que está me preocupando. Ele perguntou: qual? Ao que eu respondi: no dia que tu saíres

> daqui essa experiência se acaba, porque tudo que nós temos aqui que a gente tá trabalhando o espaço é todo da igreja. E tu sabe que a igreja é poderosa, quando ela quer acabar ela acaba, porque quem manda é o padre, pois a gente só tá fazendo isso aqui porque tu é o padre e disse que queres fazer. Ele disse: tu tens razão, mas qual é a tua proposta? Eu disse: a minha proposta é agente fundar uma associação para que a comunidade tenha o empoderamento nisso e não a igreja, porque quando você sair não é nada da igreja, é do povo. Então ele disse: muito bem, eu tenho uma proposta, vamos fundar um centro de saúde. Então a partir disso foram realizadas várias reuniões. Então eu perguntei: e a sede, onde a gente vai se encontrar? Ele mencionou: eu tenho uns amigos da igreja, da Congregação Marista e eu falo com eles, e eles cedem o espaço pra gente. Então eu escrevi o documento de comodato junto com o Isaías. Nós escrevemos propostas para o comodato e entregamos para eles. Eles aceitaram o comodato e então nós viemos para cá. As plantinhas de lá do canteiro do Jardim das Ilusões foram trazidas para construir a horta daqui. Depois fizemos um projeto para construir o espaço da cozinha e do salão de reuniões. Então eu ouvi alguém dizer o seguinte: graças ao padre Isaías isso aqui está de pé. Então eu disse: Não! Graças a Isaías e a comunidade nós fundamos o CEFOMP, mas graças ao povo isso aqui está de pé (FARIAS, 2019).

Fotografia 4: Padre Isaías em ato celebrativo da Pastoral da Saúde

Fonte: Acervo CEFOMP

Nesse mesmo período, a título de contextualização, destaca-se o papel desempenhado pela Comunidade Eclesial de Base (CEB) do Morro da Conceição na cidade do Recife, articulando e fortalecendo lutas e interesses da população, fomentando o diálogo sobre seus direitos fundamentais, como Costa (2016) bem aprofunda em sua pesquisa:

> Em decorrência do trabalho desenvolvido pela CEB do Morro da Conceição, surgiu a Federação das Associações de Moradores, Centros Comunitários e Conselhos de Moradores de Casa Amarela (Feaca), que tinha como objetivo unir as entidades ligadas à Igreja, a fim de que, coletivamente, defendessem os interesses da população (COSTA, p. 61, 2016).

A atuação dos movimentos populares em parceria com as CEBs deram origem a experiências diversas que se articularam na luta por direitos de suas populações. Em sua tese, a pesquisadora Andréa Faria (2017) destaca a importância das CEBs na articulação de organizações da sociedade civil ligadas à igreja católica, desempenhando um trabalho de base orientado pelos interesses das comunidades onde estavam inseridas:

> Em torno das CEBs, os setores da Igreja Católica vinculados à Doutrina Social da Igreja foram progressivamente, organizando uma série de pequenas estruturas de apoio aos trabalhos de base. Estas estruturas foram se constituindo, ao longo do tempo, como Movimentos, Pastorais, Serviços, Comissões, Centros, Equipes, dentre outras denominações sob as quais se encontram, até os dias atuais, alguns movimentos sociais e inúmeras ONGs (FARIA, p. 111, 2017).

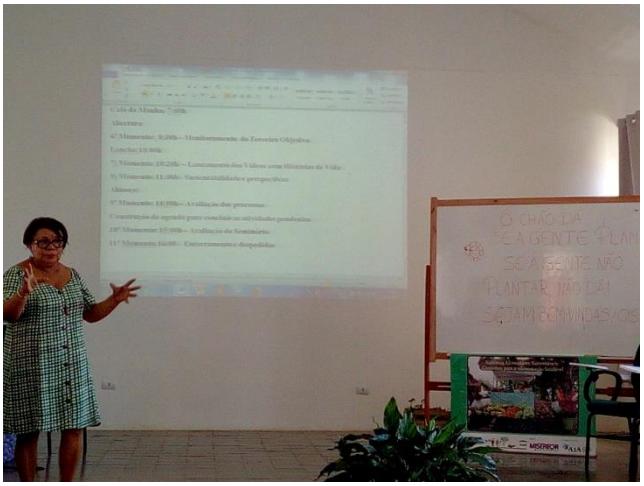
Nesse sentido, o município de Paulista não fugiu ao que ocorria na cidade do Recife, e especialmente no nordeste brasileiro, pois os movimentos populares animados pelas CEBs na capital pernambucana se espalharam, ainda que em cada comunidade tivesse suas próprias especificidades. Gestaram experiências de trabalhos desempenhados por diversos grupos, como Organizações Não Governamentais (ONGs) e nesse contexto se destaca o papel da ONG CNMP, fundada por Celerino Carriconde, médico engajado conjuntamente com Dom Hélder Câmara na criação das Pastorais da Saúde e forte atuante na concepção e aprovação da política pública de plantas medicinais para atenção primária no SUS (Silva, 2017).

Conceição Paiva (Fotografia 5), coordenadora pedagógica do CNMP, salienta o papel da ONG no fortalecimento e empoderamento das comunidades em que a organização desenvolve projetos junto com os grupos. A entrevistada destaca a importância do trabalho realizado pelo Centro Nordestino de Medicina Popular no contexto da cidade do Recife, junto com as comunidades engajadas na luta pela promoção da saúde:

> Meu nome é Conceição Paiva, mais conhecida como Solô. Ttrabalhei no Centro Nordestino de Medicina Popular de 2002 até 2014, depois passei um tempo fora e voltei o ano passado para trabalhar novamente. Trabalhei em uma ação que o Centro Nordestino desenvolvia que era de articulação e mobilização dos grupos que faziam parte da articulação de saúde nos três estados: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. E aí durante esse período eu fui passando por vários programas que o CNMP desenvolveu com foco nesses grupos. Eu venho de uma experiência de trabalho social já há um tempo que é anterior ao CNMP, eu fiz outras coisas na vida, mas sempre voltada para o trabalho social e quando surgiu essa possibilidade então eu fiquei durante todo esse período. Acho que quando a gente fala do CNMP como uma organização que presta, que incentiva e que articula os trabalhos com os grupos que tem o foco de suas ações com as plantas medicinais a gente precisa entender uma

> coisa: o trabalho do CNMP surgi em 1979 naquele contexto dos altos e córregos de Casa Amarela. Esse trabalho dali reverbera para outros lugares da cidade do Recife, mas também do estado pernambucano, do nordeste brasileiro e alguns recantos do país. Dialogando muito no princípio com a Pastoral da Criança, com a Pastoral da Saúde também. Então através dessas pastorais o trabalho foi reverberando, foi sendo reconhecido, foi sendo legitimado. Em 1988 o CNMP foi institucionalizado. Foi criada uma personalidade jurídica para o CNMP. Então como personalidade jurídica o CNMP tem 31 anos e sempre tem três grandes focos o trabalho, três linhas de ação: a questão da medicina integral, trabalhando com as plantas medicinais e com as plantas alimentícias. Tem o trabalho focado na Soberania e Segurança Alimentar que é uma outra ação do CNMP. E uma terceira ação é o trabalho de enfrentamento a violência contra as mulheres. Então o que dá vida ao trabalho do Centro Nordestino de Medicina Popular, o que dá movimento são essas três linhas de ações (PAIVA, 2019).

Fotografia 5: Entrevistada Conceição Paiva



Fonte: O autor

Conceição, assim como Terezinha, salienta que o CNMP foi um grande incetivador das experiências com farmácias vivas dentro das comunidades. O trabalho desenvolvido pelo CNMP em parceria com os grupos e movimentos sociais foi fundamental para o fortalecimento das experiências com plantas medicinais em diversos municípios. Terezinha ressaltou que no mesmo período que trabalhou no CNMP também coordenou o CEFOMP:

> No primeiro mandato do CEFOMP eu fui coordenadora, fiquei na diretoria junto com o grupo. Quando fundamos o CEFOMP já criamos o estatuto e já tinha toda essa estrutura organizacional institucionalizada. Esse processo sempre teve a assessoria do Centro Nordestino de Medicina Popular. Todos esses grupos devem ter gratidão ao Centro Nordestino, na figura de Diana Mores e Celerino Carriconde, meu grande amigo! Claro que tinham projetos para isso, não era bondade de ninguém, pois existia recursos exatamente para fazer essa assessoria. Mas foi uma convivência muito boa.

> E aí eu fiquei todo esse tempo aqui no CEFOMP. Terminou o meu mandato, eu disse pronto! Eu fico um mandato em qualquer lugar, para mim mais de um mandato eu não fico, porque se em um mandato eu não preparar alguém para ficar, eu não fiz nada, porque os espaços não são meus, eu passo por eles, aprendo, ensino, pois é ensinando que se aprende e é aprendendo que se ensina e eu vou para um outro espaço, e ali alguém tem que ficar para aprender como eu aprendi. Quando eu fiz a proposta para o Isaías da gente criar uma instituição que não fosse diretamente ligada a igreja é porque a gente tinha um olhar para a questão política da época, para a conjuntura política do município de Paulista.

Terezinha assinala que o trabalho desenvolvido pelo CNMP foi responsável pela gestação de uma miríade de experiências e grupos que se articularam e posteriormente fometaram a criação de uma associação dos grupos a nível estadual. Nesse sentido, Ramos, ratifica que além do fortalecimento do CEFOMP, o CNMP apoiou e desempenhou papel crucial na fundação da Associação dos Manipuladores de Remédios Fitoterápicos Tradicionais Semi-Artesanais do Estado de Pernambuco (AMARFITSA – PE), no sentido de promover formações, oficinas e projetos em parceria com as instituições que compõem a associação:

> Destacamos também a contribuição do Centro Nordestino de Medicina Popular aos grupos que hoje compõe a AMARFITSA. Nós tínhamos as plantas, mas nos faltava o conhecimento técnico. Não é porque seja uma planta medicinal que não tenha efeito colateral. Todo medicamento tem efeito colateral, seja o remédio feito com plantas, seja o da alopatia. Então, inicialmente o Centro Nordestino durante o período de aproximadamente cinco anos nos ofereceu essa formação. E apesar da sua capacidade financeira ter diminuído, nos ajudou a criar uma associação a nível estadual, para que os grupos não ficassem sem apoio técnico e até hoje somos convidados pelo Centro Nordestino para participar de projetos e formações (SENA, 2019).

A AMARFITSA é uma instituição jurídica de direito privado sem fins lucrativo criada em novembro de 2009, tendo como finalidade promover atividades voltadas à educação com plantas medicinais visando aprimorar o conhecimento popular (Silva, 2017). O trabalho pedagógico com plantas medicinais realizado pelo médico Celerino Carriconde e pelo CNMP foi de grande importância para o fortalecimento da luta pela democratização da saúde pública em diversas comunidades durante esse período, a exemplo dito anteriormente, no Morro da Conceição, e seu trabalho se espraiou e alcançou experiências de diversos grupos e espaços vinculados aos movimentos populares:

> No Recife, o bairro do Morro da Conceição teve grande destaque nas práticas educativas em saúde, porque vários sujeitos participaram da luta por uma saúde pública democrática e de qualidade. Dentre alguns profissionais da saúde envolvidos

> nessa experiência, destaca-se o médico Celerino Carriconde (COSTA, p. 48, 2016).

Na cidade do Recife o trabalho do Doutor Celerino em parceria com a Pastoral da Saúde se inicia no final da década de 1970 no Morro da Conceição, ainda pertecente ao bairro de Casa Amarela, tendo como objetivo promover saúde para as populações e comunidades carentes que não tinham acesso aos serviços básicos de saúde pública. Essa parceria com as pastorais foi se espraiando e o trabalho foi sendo ampliado para outros bairros e municípios.

Como visto, o trabalho inicialmente desenvolvido pelo CNMP em parceria com diversas organizações que lutavam pela promoção da saúde foram fortalecidas e ampliadas como no caso da associação AMARFITSA, que atualmente é constituída pelos centros de medicina popular que realizam trabalhos com as plantas medicinais desde as comunidades onde estão inseridas. Nesse sentido, cabe salientar que:

> Celerino Carriconde, como fundador do CNMP, foi quem iniciou os trabalhos de orientação ou de incentivo, junto com as comunidades, sobre o uso de plantas medicinais, o qual chama de "empoderamento das pessoas", a partir de reuniões comunitárias que buscavam resgatar o saber popular, através das plantas medicinais para o cuidado da saúde. Então as comunidades levaram adiante ou entenderam a proposta e começaram a fundar os grupos de saúde, como é o caso do Grupo de Saúde Condor e Cabo Gato (GSCCG), localizado no bairro de Peixinhos, Município de Olinda; o Centro de Educação e Formação em Medicina Popular (CEFOMP), localizado no centro do Município de Paulista; o Centro de Saúde Alternativo da Muribeca (CESAM), localizado no bairro da Muribeca, município de Jaboatão dos Guararapes; e o Centro de Práticas Naturais de Saúde de Camaragibe (CEPRANSC), localizado no bairro da Vila da Fábrica (SILVA, p.32, 2017).

Mediante o exposto, fica patente a importância do trabalho do Dr. Celerino e dos demais membros que constituiram o CNMP no processo de articulação junto as comunidades. Nessa perspectiva, Terezinha ressalta sua participação no âmbito do CNMP no processo gestação e a ampliação dos grupos envolvidos no trabalho com as plantas medicinais, mobilizando e organizando as comunidades, bem como a sua atuação na idealização e constituição dessas experiências que se espraiavam em diversos municípios de Pernambuco:

> Lá no Centro Nordestino de Medicina Popular eu tinha um papel importante de trabalhar com os grupos e percebia que havia a necessidade de uma organização melhor nas comunidades. Eu fui uma das fundadoras do CESAM (Centro Alternativo de Saúde da Muribeca), do CEFOMP (Centro de Educação e Formação em Medicina Popular) e do CESPRATE (Centro de Saúde Popular Raízes da Terra) no Cabo de Santo Agostinho e o Grupo de Saúde Condor e Cabo Gato no bairro de Peixinhos,

> em Olinda. Lembro que o nome do CESAM e do CEFOMP fui eu quem criei colocando em minha agendinha e a gente botando um monte de nome, e terminou sendo escolhido CESAM e CEFOMP (FARIAS, 2019).

Salienta-se a importância de contextualização histórica do CEFOMP com vistas a compreender o processo de gestação da experiência, e nessa perspectiva, o relato das fundadores e fundadores é fundalmental para o entendimento e a valorização da memória da instituição. Conceição Paiva salienta o papel social e político do Centro Nordestino de Medicina Popular e evidencia o pioneirismo da instituição na promoção da saúde, na valorização do saber popular e no empoderamento das comunidades em que realiza ações de incidência política, desenvolvendo projetos junto com os grupos assessorados:

> O CNMP tem se consolidado nesses 40 anos de trabalho como um ator social, pioneiro na promoção e proposição da saúde com uma grande contribuição no debate e na efetivação dos saberes sobre o cultivo, sobre o uso, o resgate das plantas e a pesquisa para legitimar esse saber popular sobre as plantas. Todo esse trabalho ocorre no sentido de respeitar e promover as pessoas, de promover o empoderamento, de estabelecer um diálogo e quando a gente está tratando da questão das plantas medicinais a gente também tá valorizando esse conhecimento ancestral das pessoas (PAIVA, 2019).

Nesse sentido, o Centro Nordestino de Medicina Popular foi um grande animador do CEFOMP, sobretudo no processo formativo e de trabalho com as plantas medicinais. O espaço que hoje abriga o CEFOMP era destinado a um trabalho social com crianças e adolescentes desenvolvido pela Congregação dos Irmãos Maristas como mencionado pelo padre Isaías em diálogo com Terezinha, era vinculado a Igreja Católica. Esse trabalho foi cessado e posteriormente o espaço foi cedido para que o CEFOMP pudesse se estabelecer e realizar o trabalho de manejo e cultivo do solo, bem como da manipulação das plantas medicinais e da comercialização dos remédios naturais. Entretanto, o trabalho de recuperação do solo levou bastante tempo, em função da degradação provocada pelo acúmulo de pedras e resíduos como destaca Ramos:

> Participávamos ativamente no centro de Paulista, mais precisamente na Casa Paroquial, onde nós manipulávamos a parte da horta que vinha de Jardim Paulista (Jardim da Esperança, conhecido também como Jardim das Ilusões) e hoje nós estamos em um espaço que foi um comodato, onde antes funcionava um trabalho realizado pelos Irmãos Maristas com crianças e adolescentes. Quando esse trabalho foi cessado então a Congregação do Sagrado Coração de Jesus, por meio do Padre Isaías, entrou em contato com a Congregação dos Irmãos Maristas, e os Irmãos Maristas cederam a casa para que a gente pudesse realizar o trabalho com as plantas medicinais. Pra gente se instalar aqui foi um grande trabalho, muito esforço, pois teve

> que unir todo o pessoal que já fazia parte desde o trabalho de Jardim Paulista e nos ajudavam, e quando chegaram nessa área aqui onde hoje a gente tem plantada a horta, daqui saiu muita metralha, muita pedra foi retirada daqui. Foi preciso trazer terra vegetal, para poder cobrir a primeira camada, para poder fazer os primeiros canteiros, e com o esforço de todos, conseguimos trazer o adubo orgânico e pudemos dar início a nossa horta (SENA, 2019).

A recuperação do solo e o preparo da terra (Fotografia 6) foi fundamental para o cultivo da horta e mobilizou a participação e o trabalho coletivo de diversas pessoas que contribuíram para o funcionamento do espaço. Nesse sentido, Maria Cândida (Fotografia 2), atual vice-presidente do CEFOMP, ressalta a importância do trabalho inicial desenvolvido pelos voluntários:

> Meu nome é Maria Cândida, tenho 67 anos, sou uma das fundadoras do CEFOMP e atualmente sou vice-presidente. Sou manipuladora daqui e desde que cheguei trabalho com a parte de manipulação. Eu morava aqui em Paulista, depois me mudei para o município de Olinda, onde morei durante oito anos, agora moro em Candeias, município de Jaboatão dos Guararapes, venho pra cá três vezes por semana e utilizo quatro ônibus para chegar aqui. Algumas pessoas que fizeram parte já faleceram. A maioria são mulheres, homens tem muito pouco. Tinha tanta metralha nesse terreno. Era um buraco cheio de metralhas. Deu um trabalho tão grande, a gente tirou uma carrada de metralhas para poder começar a fazer a horta, pois não tinha condições, era só metralha. Fizemos mutirões para tirar as pedras e limpar. De vez em quando apareciam voluntários para ajudar, até nos finais de semana fazíamos mutirões para limpar o terreno e fazer a horta. Deu muito trabalho fazer essa horta, mas a gente continua. Alguns membros permaneceram, outros faleceram. No início era eu, Ramos, comadre Teresa (falecida), Francisca (falecida), Terezinha e mais alguns voluntários que não me lembro, era um grupo pequeno. Quando a gente veio pra cá, sempre aparecia muita gente pra ajudar, vinha gente do bairro do Nobre, de Paratibe, foi muito sacrifício pra chegar nos dias de hoje (CÂNDIDA, 2019).

Fotografia 6: Entrevistada Maria Cândida

Fonte: O autor, 2019

Segundo Josefa Amélia, mais conhecida como Dona Zefinha (Fotografia 7), voluntária de longa data do CEFOMP, o trabalho de preparo da terra levou um tempo considerável e demandou o envolvimento de muitas pessoas que trabalharam em mutirões, muitas delas ligadas a igreja. Algumas permanceram por longo período, como é o caso da Irmã Lúcia (Fotografia 8), trabalhadora incansável que dedicou muitos anos de sua vida ao trabalho voluntário na instituição, colaborando com a manutenção da horta, preparando as refeições das pessoas e cuidando dos animais, bem como apoiando decisivamente a instiuição, especialmente o trabalho de Maria Cândida:

> Eu conheci o trabalho desenvolvido pelo Irmão Antônio da Congregação Marista antes da fundação do CEFOMP. Ele realizava um trabalho com crianças e pessoas em situação de vulnerabilidade, algumas moradoras de rua. Padre Isaías foi responsável pela articulação junto aos Irmãos Maristas para utilizar o espaço para o projeto com a farmácia viva. Nós participamos de muitos mutirões para preparar o terreno. Tinha muita pedra, muita metralha. Deu muito trabalho limpar tudo. Sempre que eu podia eu estava no CEFOMP, trabalhando junto com a Irmã Lúcia e a Irmã Amélia e mais algumas companheiras da Ordem Franciscana. Além do trabalho de limpeza do terreno, ajudei com a horta, mesmo que de forma exporádica. Levei algumas mudas de plantas. Irmã Lúcia as vezes vinha aqui em casa buscar e quando eu precisava ela trazia alguma muda pra mim. Levei cajueiro para fazer o lambedor de cajú roxo. Fui no Alto Sumaré algumas vezes colher espinho de cigano para fazer o lambedor, pois lá não tinha. Fiquei um tempo como associada da instituição e até hoje quando posso faço visitas ao CEFOMP (ZEFINHA, 2019).

Fotografia 7: Entrevistada Josefa Amélia

Fonte: O autor, 2019

Fotografia 8: Irmã Lúcia

Fonte: O autor, 2016

Como destacou Maria Cândida, a recuperação do solo foi árdua e demandou o envolvimento de muitas pessoas que realizaram trabalho voluntariamente (Fotografia 9), algumas já falecidas, mas que deram a sua contribuição para que o espaço pudesse acolher o trabalho de cultivo da horta e da produção dos medicamentos naturais. O CEFOMP, como visto acima, desenvolve um trabalho complexo que necessita de pessoas voluntárias para atuar nas diversas frentes, seja no laboratório (Fotografia 10), na farmácia viva (Fotografia 11), no preparo dos alimentos, no atendimento ou nas ações de incidência política.

Fotografia 9: trabalho de mutirão para a recuperação do solo

Fonte: Acervo CEFOMP

Fotografia 10: manipulação e produção dos remédios naturais no laboratório

Fonte: Acervo CEFOMP

Fotografia 11: Farmácia Viva

Fonte: O autor, 2019

Farmácia Viva é um modelo instituído pelo Ministério da Saúde no âmbito do SUS, criado em 1983, pelo professor Francisco José de Abreu Matos. Esse modelo é originado de um programa de assistência social e farmacêutica com base no emprego de plantas medicinais com a finalidade de legitimar o amplo uso popular dessas plantas (Silva e Albiero, 2014). De acordo com Matos (1998) a Farmácia Viva tem como objetivo ofertar assistência farmacêutica de base fitoterápica às comunidades que carecem de atendimento dos programas de saúde pública, fomentando o uso adequado de plantas cultivadas local ou regionalmente, dotadas de propriedades terapêutica com validação científica.

A necessidade do envolvimento de mais pessoas que possam contribuir com o trabalho demandado pelo CEFOMP tanto na Farmácia Viva bem como nas demais ações é salientada por outros integrantes do grupo ante as diversas frentes de atuação da instituição. Nesse sentido, como destaca Luis, um dos dirigentes da instituição, requer mais pessoas envolvidas em razão do volume de atividades realizadas no espaço:

> Sou Luis Carneiro Lacerda, faço parte do CEFOMP há aproximadamente dez anos e estou na direção da instituição há cinco anos. Eu conheci a instituição através do atual presidente, Sr. Ramos, e juntos fazíamos parte do conselho de saúde do município de Paulista onde temos uma atuação muito forte. Nosso trabalho visa tornar mais conhecido o papel desenvolvido pelo CEFOMP dentro do município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife e no estado de Pernambuco. Em função do número reduzido de voluntários, desempenho diversos trabalhos que vai desde a recepção, na administração, colaboro também na manutenção da horta e mesmo com esse volume de trabalho continuo estimulado e com vontade de fazer diferente, sobretudo porque os remédios produzidos aqui colaboram com o bem viver das pessoas. Todos aqui em uma média de quinze pessoas somos voluntários e não recebemos qualquer tipo de remuneração. A minha caminhada está vinculada a minha religiosidade, regida por Nossa Senhora Virgem dos Pobres e, portanto, eu tenho um olhar diferente. Eu acredito no ser. Acredito que a gente deve investir no ser, e é por isso que estou aqui e espero permanecer por muito tempo (LACERDA, 2019).

Os integrantes do CEFOMP reiteram a importância do trabalho volunário para dar continuidade a experiência, e nesse sentido destacam a importância do envolvimento da comunidade onde a instituição está inserida. Ainda segundo Luis, a direção realiza mensalmente assembléias com vistas a discutir as pautas elencadas. Nessas assembléias são definidas ações no sentido de construir soluções coletivas visando atender as necessidades da instituições e, nesse sentido, Luis destaca que seu papel enquanto conselheiro fiscal é formalizar em ofício as dúvidas relacionadas a questão administrativa e financeira. Esse ofício é entregue ao presidente, esse por sua vez apresenta essas dúvidas nas assembleias realizadas mensalmente.

Como visto, o CEFOMP vem se constintuíndo por voluntários e suas diretrizes são concebidas e deliberadas por um corpo dirigente e um conselho fiscal. A instituição também conta com o apoio de parceiros, como o Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, com o CNMP, com o Fórum de Economia Solidária, com o Instituto Federal de Pernambuco (Campus Paulista/PE) entre outros. Atualmente, o corpo dirigente (Tabela 1) da instituição está composto por doze membros:

Tabela 1: CORPO DIRIGENTE DO CEFOMP (2019)	
Ramos Francisco de Sena	Presidente
Maria Cândida de Souza	Vice-presidente
Gerlúcia José dos Santos	Primeira secretária
Joselma Bispo dos Santos	Segunda Secretária
José Gilberto Gomes dos Santos	Primeiro tesoureiro
Sueleide Arruda Gonçalves dos Santos	Segunda tesoureira
Luiz Carneiro de Lacerda	Conselho fiscal titular
Eugênio Cândido da Silva	Conselho fiscal titular
José Severino da Silva	Conselho fiscal titular
Isaias Alfredo da Silva	Conselho fiscal suplente
Cristina Maria Poróca	Conselho fiscal suplente
Virgínia Arruda Goncalves dos Santos	Conselho fiscal suplente
VOLUNTÁRIAS (2019)	
Rosimary Ana da Silva	Voluntária
Maria Lúcia de Lima	Voluntária

A instituição também tem servido de incubadora para iniciativas de produções inovadoras, como no caso da gestação do grupo Boninas (Fotografia 12), um grupo de mulheres que trabalham desde a perspectiva da economia solidária, participando de processos formativos, intercâmbios e oficinas, espaços de trocas de experiências e conhecimento para além da atividade de comercialização da produção como destaca uma das integrantes do grupo, Gerlúcia Santos:

> Boninas é um grupo produtivo autogestionário, fomentado dentro da instituição do CEFOMP após um curso de Permacultura, onde a empatia pela preocupação da condição financeira e questões de saúde levou um grupo de mulheres a unirem-se no intuito da autonomia financeira, do fortalecimento e empoderamento feminino. O grupo é recem criado e já vem despontando além do esperado, pois não só vem buscando a inclusão das integrantes em diversas formações, como estarem incluídas nos espaços de comercialização da economia solidária, como também a inserção e a atuação das mesmas nos espaços de controle social. O grupo tem em sua essência a perspectiva da economia solidária com base na agroecologia. As integrantes vêm participando de diversas formações que tem contribuído com o seu processo de desenvolvimento. Algumas nunca tiveram oportunidade de estar incluídas nos espaços de controle social e participaram pela primeira vez de uma conferência da mulher no município de Paulista, onde fizeram valer seus direitos. Com o apoio do CEFOMP foi possível construir parcerias com instituições renomadas como o Centro Nordestino de Medicina Popular, o CESAM, com a Universidade Federal Rural de

> Pernambuco, com o Fórum de Economia Solidária que abriu portas para um trabalho coletivo de diversos grupos junto a Universidade Federal de Pernambuco para participação no evento SINGA 2019 que veio a fortalecer o trabalho já desenvolvido pelas Boninas. É gratificante perceber o desenvolvimento de um grupo criado recentemente e nesse sentido as Boninas já conseguiram firmar um nome com o trabalho desenvolvido há tão pouco tempo em que a articulação com outras parcerias levou parte das integrantes inclusive a elaboração de oficinas para um grupo de jovens, essa experiência possibilitou a multiplicação do conhecimento adquirido. Nessa perspectiva nós refletimos que o grupo precisa melhor se organizar não só para lutar pela autonomia financeira das mulheres, mas trabalhar todo o contexto para fortalecer e empoderar as mesmas. Atualmente o grupo é composto por cinco mulheres: Gerlúcia Santos, Vanderlúcia Araújo, Rosineide Silva, Eliane Josefa e Vilma (SANTOS, 2019).

Fotografia 12: Grupo Boninas

Fonte: O autor, 2019

Ao longo de sua trajetória os membros (Fofografia 13) do CEFOMP tem dado continuidade ao trabalho desenvolvido com as plantas medicinais e tem promovido formações que buscam contribuir com a valorização e o ensino das práticas de manejo e uso da horta, atualmente considerada uma farmácia viva. Atualmente o CEFOMP conta com uma considerável variedade de remédios (Fotografia 14) naturais que tem propriedades terapêuticas aplicadas a diversas indicações (Tabela 2), tais como dores reumáticas, infecções, alergias, inflamações, suplemantações, dentre outras. Essas especificidades que são evidenciadas no terceiro capítulo revelam o papel do CEFOMP como um espaço articulador de diversas organizações sociais voltadas para ações de incidência política no munícipio, pautadas pela luta da promoção da saúde, da segurança alimentar e nutricional,

da agricultura familiar de base agroecológica e da educação popular, suscitando com isso o debate nos espaços de controle social e discutindo concepções de políticas públicas municipais.

Fotografia 13: membros do CEFOMP

Fonte: O autor, 2019

Fotografia 14: remédios naturais

Fonte: O autor, 2019

Tabela 2: REMÉDIOS NATURAIS E SUAS INDICAÇÕES	
Pomadas	
Descrição	***Indicação***
1 Alecrim Pimenta	Escabiose,Micose,pé-de-atleta
2. Atipim	Dores musculares
3. Barbatimão	Cicatrizante
4. Casca de Romã	Manchas na pele
5. Confrei	Ação cicatrizante
6. Erva Lanceta	Dores reumáticas
7. Milho-Urubu	Antialérgico
8.Vassourinha	Varizes e Hemorroidas
Lambedores	
Descrição	***Indicação***
1. Angico	Brônquio dilatador
2. Chambá	Antiasmático,brônquio dilatador,expectorante
3. Corona	Gastrite
4 Espinho de Cigano	Antiasmático/Antiinflamatório
6. Jenipapo	Complemento alimentar/Antianêmico
8. Reconstituinte Natural	Anemia/Fraqueza
Tinturas	
Descrição	***Indicação***
1. Alho (concentrado)	Pressão alta/ colesterol
2. Amora	Desconforto da menopausa
3. Artemísia	Cólica menstrual
4. Azeitona	Controle da taxa de glicose
5. Barbatimão	Cicatrizante
6. Cavalinha	Rins
7. Eparema	Fígado
8. Flor de Colônia	Hipertensão
9. Flor de Colônia	Sinusite
10. Mentrasto	Reumatismo/Artrite/ Artrose
11. Mulungú	Calmante
12. Paregórico	Gazes e má digestão
13. Pega Pinto	Próstata
14. Quebra-Pedra	Diurético e Anti-Espasmódico
15. Romã	Inflamação
Outros	
Descrição	***Indicação***
1.Multimistura	Complemento alimentar/ Osteoporose
2. Café de girassol	Labirintite/ Derrame/ Enxaqueca
3. Garrafa de Vinho Branco	Inflamação uterina
4. Loção Capilar	Queda de cabelo
5. Sabão de Melão de S. Caetano	Escabiose/ Fungos/ Micoses (coceira)
6. Shampoo de Babosa	Fortalece os cabelos
7. Sumo de Hortelã	Verminose (giárdia, ameba)

Fonte: O autor, 2019

2. EDUCAÇÃO POPULAR, AGROECOLOGIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE

Nossa reflexão sobre a revalorização e o ensino dos saberes e práticas populares parte da compreensão que a nossa sociedade ocidental, norteada por uma concepção de ciência neutra, gestou a crise do paradigma dominante e como bem sinaliza Boaventura de Sousa Santos (2010) "todo conhecimento científico é socialmente construído, que o seu rigor tem limites inultrapassáveis e que a sua objetividade não implica a sua neutralidade" (SANTOS, 2010, p.9). Nesse sentido, o processo de revalorização e ensino desses saberes e práticas implica o reconhecimento dos limites do modelo de racionalidade ocidental que preside a ciência moderna. Conforme aprofunda Santos (2010) esse modelo se revela totalitário pois nega o caráter racional às outras formas de conhecimento que não se orientam por seus postulados epistemológicos e seus métodos, como no caso dos diversos saberes. Vandana Shiva (2013) salienta que o conhecimento universal deve se espalhar imparcialmente, e se este não é o caso do conhecimento ocidental, isso é uma evidência de que não é um conhecimento universal, mas sim um conhecimento local globalizador, que se espalha pela violência e pela falsa representação. Nesse sentido, o primeiro nível dessa violência é não considerar todos os conhecimentos não científicos como legítimos (Shiva, 2013). Outra característica da ciência ocidental moderna é a dicotomia entre sociedade e natureza:

> Por outro lado, é total a separação entre a natureza e o ser humano. A natureza é tão-só extensão e movimento; é passiva, eterna e reversível, mecanismo cujos elementos se podem desmontar e depois relacionar sob a forma de leis; não tem qualquer outra qualidade ou dignidade que nos impeça de desvendar os seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes ativo, já que visa conhecer a natureza para a dominar e controlar (SANTOS, 2010, p. 25).

Como visto, esse modelo de ciência revela um ideario de superioridade do homem e a intencionalidade de poder e domínio sobre os ditos "recursos naturais", que também inclui o domínio e superioridade sobre as demais formas de conhecimento, como os saberes populares, que são invisibilizados e perdidos através da imposição do conhecimento dominante. Shiva (2003) ressalta que o conhecimento dominante, quando afirma que o saber local não existe, não apenas o torna invisível e ilegítimo, mas também elimina as alternativas, "apagando ou excluindo a realidade que elas tendem a representar" (SHIVA, p. 25, 2003). Através desse mecanismo, o conhecimento científico dominante, cria uma monocultura mental "ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas das variedades de plantas importadas, que leva a substituição e destruição da diversidade local" (SHIVA, p. 25, 2003).

Santos (2010) exorta sobre a necessidade de uma nova ciência, um paradigma emergente e mais flexível que viabilize o diálogo de saberes. Desse modo o conhecimento científico dialoga com os conhecimentos populares, que encerram consigo a história e a cultura dos povos, além de saberes milenares da natureza, que em grande medida são desconsiderados nas concepções e formulações modernas da ciência.

Nesse contexto, a Educação Popular vinculada às experiências agroecológicas com plantas medicinais, vem desempenhando um papel fundamental no processo de revalorização e ensino dos diversos saberes. Parte da premissa que a construção do conhecimento é um processo dialógico e como tal implica o recohecimento e o respeito aos diversos saberes e práticas de manejo e uso dos agroecossistemas e das plantas medicinais, e de cuidado com a saúde de diferentes povos e territórios.

A Educação Popular é entendida nesse estudo como um projeto de educação comprometida com transformações efetivas nas relações entre educadores e educandos, que promova nessas relações a possibilidade concreta de emancipação desses enquanto sujeitos da história, em favor da autonomia, da participação social e da interlocução entre os diversos saberes e práticas. Nos apoiamos na concepção de Paulo Freire (2015) quando observa que a Educação Popular, vinculada ou não a uma capacitação de caráter profissional, seja no campo ou na cidade, tem como objetivo central a problematização do ser humano-mundo ou deste em suas relaçõs com o mundo e com o ser humano, possibilitando aos sujeitos a sua tomada de consciência da realidade da qual e com a qual estão inseridos e envolvidos.

No inicío dos anos de 1960 a Educação Popular vincula-se à preocupação com a participação política das classes populares por meio da conscientização, passando a ser considerada como uma educação do povo, pelo povo e para o povo (Saviani, 2013) que buscava ressignificar seu sentido, que anteriormente decorria de uma educação das elites para a população. Nessa perspectiva, a nova concepção de Educação Popular decorrente das ideias de Paulo Freire não era uma proposta dirigida aos oprimidos, e sim um modelo de educação da qual a classe trabalhadora educa-se com sua própria prática, assumindo, com isso, um caráter de classe atrelado a criação de um saber popular. Nesse sentido, a revalorização dos saberes e práticas populares vinculadas ao uso e manejo das plantas medicinais, pressupõe a relação dialógica na construção do conhecimento por meio da Educação Popular como bem enfatiza Mores e Carriconde (2009):

> Inspirado na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, o processo educativo para a saúde deve partir do “saber do povo” para se chegar ao “saber do técnico”. A planta medicinal é o núcleo pedagógico de educação popular para a saúde. Primeiro se

> aprende a conhecer as plantas e a indicação terapêutica de cada planta com o povo e depois se torna mais fácil disponibilizar o saber do técnico, que é a relação de causa-efeito das doenças. Só então é que se viabiliza a possibilidade do trabalho de prevenção das doenças. Assim, o processo educativo deve ser uma relação dialógica entre educador e povo (MORES e CARRICONDE, 2009, p. 83).

Conforme aprofundam Mores e Carriconde (2009), as práticas e saberes populares de manejo e cura pela natureza estão presentes há milênios na história humana, e nesse sentido, o conhecimento acumulado ao longo do tempo pelos diferentes povos constituem a base dos diversos modos de vida:

> Durante milênios, o homem aprendeu a conhecer as plantas e a valer-se de suas propriedades sobre o organismo. Os vegetais foram por quase toda história da humanidade a maior e mais importante fonte de substâncias medicamentosas para aliviar e curar os males do ser humano (MORES e CARRICONDE, 2009, p. 80).

Dessa maneira, as experiências agroecológicas com plantas medicinais não apenas possibilitam mas pressupõe o fortalecimento dos diversos saberes populares com vistas a promoção da saúde humana e ambiental:

> o cultivo das plantas medicinais difunde o cultivo orgânico, substituindo o uso de agrotóxicos pelo adubo natural, o que, além de beneficiar a saúde humana e ambiental, diminui os riscos de extinção de várias plantas. Preserva a biodiversidade a partir do cultivo com base agroecológica em detrimento da monocultura, que mata a terra e destrói a economia de subsistência dos agricultores dos países em desenvolvimento. Fortalece o saber popular sobre a biodiversidade e a Medicina tradicional, diminuindo a biopirataria, mediante a qual as grandes corporações se apropriam do saber do povo para aumentar seus lucros (MORES e CARRICONDE, 2009, p. 84).

Na perspectiva em tela, compreende-se a Agroecologia como "um paradigma emergente, que se constrói no processo de confronto com o paradigma dominante em nossa sociedade ocidental, cartesiana, reducionista, tecnicista e com base em uma concepção de ciência neutra" (PEREIRA, 2013, p. 4). Os saberes e práticas alimentares e de cuidado à saúde que respeitam a diversidade sociocultural e ecológica, são considerados como alguns dos princípios fundamentais da Agroecologia. Nesse sentido, a transição para a Agroecologia é reconhecida como um meio de repensar os modos de vida através das relações e das práticas humanas em convivência com a natureza (Casado et al., 2000) sendo considerada por Schmitt & Petersen (2009) como um processo socialmente construído. Em contraposição ao paradigma dominante, aqui representado por três de seus principais pilares: a ciência ocidental moderna, a agricultura indústrial agroquímica e o modelo convencional fárcamo industral; a Agroeocologia e a Medicina Popular conjugadas pela

Educação Popular, convergem para a promoção da saúde humana e ambiental, gestando as condições reais de reprodução social e ecológica dos diversos saberes e fazeres, sementes e sabores, povos e territórios.

Assim, nesta proposta de estudo, a Agroecologia se constrói a partir de três dimensões: ciência, prática e movimento. Como ciência, caracteriza-se pela construção de uma teoria crítica que questiona radicalmente o paradigma hegemônico de desenvolvimento contraditório do capitalismo e passa a formular bases teórico-metodológicas para o manejo sustentável dos agroecossistemas. Enquanto prática, tem sido gestada de acordo com os príncios agroecológicos de convivência e conservação da agrobiodiversidade. Como movimento tem orientado as organizações sociais e envolvido diversos segmentos da sociedade engajados na luta pela terra, pela soberania e segurança alimentar e nutricional, na economia solidária e na igualdade de gênero (Petersen, 2012). Nessa perspectiva, os processos culturais, os saberes e práticas agroecológicas, experimentados e compartilhados pelos sujeitos, são um elemento central da agrobiodiversidade (Santili, 2009).

No enfrentamento ao paradigma domintante, a produção hegemônica do conhecimento passa a ser questionada e no contexto da Promoção da Saúde, novas alternativas emergem buscando se contrapor e apontam novas direções e dão novo sentido a luta pela democratização e o acesso aos serviços de saúde por meio de políticas públicas. De acordo com Navolar et al. (2010), a primazia do modelo convencional fármaco industrial no atual cenário da saúde reivindica, crescentemente, o cumprimento de políticas que tenham como fundamento a Promoção da Saúde. Durante a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde que ocorreu em 1986, no Canadá, foram concebidos os cinco segmentos de atuação que estão publicados na Carta de Ottawa:

> elaboração de políticas públicas saudáveis, criação de ambientes favoráveis, desenvolvimento de habilidades pessoais, reorientação dos sistemas e serviços de saúde, e reforço da ação comunitária. Nesse sentido, valoriza-se a participação social, levando em consideração os determinantes sociais da saúde e a necessária intersetorialidade para elaboração de políticas promotoras de saúde que possam ir além do enfoque individual (NAVOLAR et al., 2010, p.70).

Em sua pesquisa Ribeiro (2013) destacou que a Conferência de Educação e Promoção da Saúde ocorrida no ano de 2010 na Suíça, enfatizou como imposição prioritária produzir ações conjuntas de promoção da saúde e de desenvolvimento social no atual contexto de globalização, marcado pelos processos de modernização e urbanização. Nessa conferência, assumiu-se a missão de se criar uma correlação entre a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável através da efetivação de três ações: expor e discutir pesquisas

atuais e temáticas transversais para a promoção da saúde e o desenvolvimento sustentável; verificar e debater sobre as práticas que mais se destacam na promoção da saúde, com foco na sustentabilidade; firmar parcerias para a promoção de políticas e práticas que tenham resultados exitosos na saúde das pessoas, das sociedades e do planeta. (Ribeiro, 2013).

Nesse sentido, a Promoção da Saúde extrapola a concepção de saúde centrada na ausência de doença, e vai além, revelando uma noção bem mais ampla que considera a importância da participação social, os determinantes sociais de saúde e a intersetorialidade para a formulação de políticas públicas direcionadas para a Promoção da Saúde. Segundo o Ministério da Saúde (2012) A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), aprovada no ano de 2006:

> juntamente com as Políticas Nacionais de Promoção da Saúde, de Atenção Básica e de Alimentação e Nutrição são exemplos de marcos da saúde coletiva que contemplam e estimulam ações intersetoriais e transversais num esforço de integração de políticas públicas com foco, entre outros, na promoção da saúde (BRASIL, 2012).

Em sua trajetória, o Centro Nordestino de Medicina Popular contribuiu de forma significativa para legitimar o uso das plantas medicinais por meio da elaboração e a efetivação de políticas públicas promotoras da saúde . O trabalho desenvolvido por essa instituição em parceria com diversas organizações, comunidades, movimentos sociais e instituições de ensino e pesquisa foi fundamental para a criação e implementação de políticas direcionadas para a Promoção da Saúde no âmbito do SUS:

> Alguns avanços já podem ser destacados, como a aprovação do uso das plantas medicinais e dos fitoterápicos no SUS; a Portaria 971, de maio de 2006, regulamentando a fitoterapia e as plantas medicinais junto a outras terapias complementares; o decreto 5813, de 22 de junho de 2006, que estabelece diretrizes para o desenvolvimento de ações que garantam o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso País, o desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como o fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, o uso sustentável da biodiversidade brasileira e a valorização e preservação do conhecimento tradicional associado das comunidades tradicionais e indígenas; e a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a ser adotada como política publica no SUS(MORES e CARRICONDE, 2009, p. 91).

Outro aspecto fundamental para a promoção da saúde é a efetivação de uma política de fortalecimento da soberania alimentar vinculada a práticas alimentares saudáveis “pautada nos princípios do Direito Humano à Alimentação Adequada e da Soberania Alimentar, e que perpasse os aspectos ambientais, produtivos e culturais, que vão além do

caráter estritamente biológico da alimentação e da nutrição humana" (NAVOLAR et al., 2010, p. 70). Nesse sentido, os diversos saberes e práticas alimentares saudáveis representam um dos elementos centrais da promoção da saúde.

Dessa maneira, evidencia-se a importância do cuidado a saúde humana e ambiental por meio da revalorização e do ensino dos saberes e práticas populares, especialmente vinculadas as experiências agroecológicas e de uso de plantas medicinais que estimulem práticas alimentares e de cuidado, promotoras de saúde, constituindo um conjunto de saberes passados de geração a geração, e tanto o reconhecimento dessas experiências como a efetivação de políticas públicas que regulamentam essas práticas "fazem parte das estratégias de cuidado com a saúde de muitas comunidades, no meio rural, entre os povos indígenas e até no meio urbano" (NAVOLAR et al., 2010, p. 75). Nessa perspectiva, Mores e Carriconde (2009) salientam a importância do resgate dos diversos saberes no processo de promoção da saúde:

> Mediante o resgate do seu "saber" e "saber fazer" no processo saúde x doença, que é o próprio conhecimento sobre as plantas medicinais, recobra-se não só a planta medicinal (instrumental terapêutico), como também a identidade e a autoestima das pessoas, pois, na medida em que o indivíduo verbaliza seus "saberes", exercita o seu "poder". É no exercício do "poder" que ele recupera a autoestima. Nesse sentido, fortalecer e "empoderar" pessoas é promover saúde (MORES e CARRICONDE, 2009, p. 82).

Desse modo, a Educação Popular vinculada as experiências agroecológicas com plantas medicinais através da articulação e do diálogo dos diversos saberes e práticas, permite vislumbrar o prisma paradigmático de sociedades mais sustentáveis, por conjugar diversos processos de promoção da saúde humana e ambiental e realizar transformações socioambientais efetivas na contemporaneidade, a exemplo do trabalho desenvolvido pelo Centro de Educação e Formação em Medicina Popular – CEFOMP Paulista (PE).

3. A FARMÁCIA VIVA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E ARTICULAÇÃO SOCIAL DO CEFOMP (PE)

Em sua trajetória o CEFOMP tem buscado aprofundar sua atuação por meio de diversas atividades realizadas pelos seus integrantes interna e externamente. Nesse sentido, vale ressaltar o papel social, político, pedagógico e ecológico do CEFOMP na promoção da saúde humana e ambiental no município de Paulista. O espaço da horta, considerada uma farmácia viva, além das plantas medicinais acolhe espécies alimentícias como forma de diversificar o cultivo e suprir parte da alimentação nas refeições realizadas no local. O consórcio de plantas medicinais e variedades alimentícias é fruto da experiência

agroecológica gestada a partir dos saberes e práticas dos membros e voluntários, bem como de processos formativos com base nos princípios da Agroecologia.

A valorização desses conhecimentos e práticas tem na Educação Popular o fio condutor para o resgate, a revalorização e o ensino dos diversos saberes e práticas de manejo agroecológico da horta e sobre os cuidados com a saúde por meio do uso das plantas medicinais. Além do seu caráter formativo, o espaço do CEFOMP tem acolhido diversas organizações que se articulam e buscam construir coletivamente alternativas e superar os desafios postos e tem realizado ações de incidência política no muncípio. Destaca-se nesse contexto, a organização da II Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional do Município de Paulista (Julho/2019), o I Seminário da Agricultura Familiar de Base Agroecológica do Município de Paulista (Outubro/2019) e a participação no seminário de avaliação do projeto desenvolvido pelo CNMP, Sistemas Alimentares Sustentáveis: Caminhos para a Alimentação Saudável (Novembro/2019).

3.1 Educação Popular e a experiência agroecológica com plantas medicinais do CEFOMP

Ao longo de sua trajetória o CEFOMP vem realizando atividades formativas com vistas a promover a revalorização e o ensino das práticas e dos saberes populares sobre as plantas medicinais. Nesse sentido, destaca-se o curso de Boas Práticas de Cultivo e Manejo de Plantas Medicinais, ministrado por Ramos Sena, com duração de cinquenta horas. Essa formação tem sido responsável por disseminar esses saberes dentro do município e tem como finalidade o resgate das práticas de cuidado com a saúde por meio do uso das plantas medicinais, além de valorizar a sabedoria popular :

> O CEFOMP atualmente desempenha um papel de uma instituição muito atuante no município de Paulista e além de nossas atividades participamos de outras, seja de formação interna, seja de formação externa. Todos os anos no mês de janeiro realizamos um planejamento anual e promovemos oficinas de formação para que as pessoas participem. Agora estamos finalizando um curso que vai desde o manejo e o cultivo do solo, do plantio, por fim a manipulação e a pesquisa com plantas medicinais, culminando na construção de um herbário para a valorização da sabedoria popular, desse conhecimento antigo, das pessoas que vieram bem antes de nós; dos indígenas, quilombolas e povos de terreiro que deixaram esse legado. Esse legado não deve ser desprezado de forma alguma (SENA, 2019).

Durante o curso em Boas Práticas de Cultivo e Manejo de Plantas Medicinais tivemos a oportunidade de dialogar com parte da turma (Fotografia 15) e entrevistar uma

das participantes na formação que destacou a importância da articulação dos profissionais da rede pública de saúde do município de Paulista:

> Meu nome é Luana Patrícia Freire de Menezes, sou natural de Petrolina. Apesar de ter sido formada em odontologia, hoje atuo como sanitarista, sou servidora no município de Paulista atuando junto a equipe do NASF (Núcleo Ampliado de Apoio a Saúde da Família e Atenção Básica) e é uma estratégia prioritária (ou pelo menos era, hoje em dia ela não é prioritária para o atual governo) dentro da saúde, da atenção primária a saúde para que nós consigamos, dentro de uma equipe multiprofissional aumentar a resolutividade das ações de saúde para que elas sejam de fato promovidas e prevenidas dentro do nível primário, da atenção primária. Com isso, tendo em vista que o papel da equipe que eu me encontro hoje é de articular a rede de saúde, é de promover saúde, é de prevenir agravos, é que eu procurei no município uma entidade que pudesse dialogar com os objetivos do meu processo de trabalho e da equipe que estou inserida. Eu conheci o CEFOMP através do Conselho Municipal de Saúde em algumas reuniões que eu fui enquanto ouvinte, e aí conheci e gostei muito do espaço do CEFOMP.

Fotografia 15: Participantes da formação em Boas Práticas de Cultivo e Manejo de Plantas Medicinais

Fonte: O autor, 2019

A cursista salientou o papel do CEFOMP na promoção da saúde no âmbito do munícipio de Paulista e a necessidade de levar o trabalho desenvolvido pela instituição para as unidades de saúde. Luana (Fotografia 16) salienta que o poder público municipal não valoriza o trabalho desenvolvido pelo CEFOMP, por conseguinte ressalta a importância do

diálogo e da organização da sociedade no sentido de assegurar o atendimento das necessidades da população. Ela também fala da origem do seu conhecimento e do contato com as plantas medicinais:

> Eu entendo que hoje o município de Paulista, a gestão municipal não tem interesse em valorizar o CEFOMP enquanto entidade que precisa estar dentro das unidades de saúde, precisa dialogar com a sociedade civil organizada e precisa ser valorizada, e de uma certa forma também financiada para que o aporte de oferta consiga aumentar de uma forma que assista a população paulistense nas suas necessidades de saúde. Eu estou aqui no CEFOMP hoje muito porque a minha formação enquanto ser humano ela é muito devida a Maria Souza de Assis, que é a minha avó. Ela é natural de Terra Nova, é conhecida como Lia, como muitas Lias do Sertão. A minha avó é uma pessoa muito sábia. Ela é detentora dos saberes, das plantas, dos manejos e do cuidado com a saúde porque ela veio da roça, ela veio do interior, então ela tem essa relação com a natureza muito próxima e conseguiu passar isso para as filhas e netos, ainda que indiretamente, ainda que na cidade. E aí com certeza essa genética foi passada, esse saber ele foi passado, e ele resiste e insiste numa segunda geração.

Fotografia 16: entrevistada Luana

Fonte: O autor, 2019

A revalorização da sabedoria popular passa pelo reconhecimento que esse saber acumulado historicamente vem sendo desqualificado pelo processo contemporâneo de modernização, e nesse sentido, salienta-se a relevância desses saberes para a produção e reprodução de diversos povos, territórios e agroecossistemas orientados por uma racionalidade diametralmente oposta à racionalidade moderna:

> Grande parte da diversidade dos modos de apropriação e de interação com a natureza foi sendo rotulado ao longo da modernização como atrasados e primitivos, primitivo aqui entendido reativamente como não moderno. Consideremos os vários atores sociais que exercem uma relação recíproca ser humano-natureza, referenciados na dinâmica ecológica para sua organização social e econômica, tais como, os caboclos, os caiçaras, os ribeirinhos, os vazanteiros, os piquizeiros, os indígenas, os

> camponeses (PEREIRA, 2005, p. 270).

Luana revela seu objetivo de levar o conhecimendo adquirido adiante e de desenvolver um trabalho com hortas comunitárias na rede pública de saúde do município. A sanitarista pretente envolver a comunidade pois valoriza a participação social e entende que o processo de cuidado com a saúde só é possível com as pessoas sendo protagonistas da sua própria história:

> Eu pretendo levar esses conhecimentos que eu tenho conseguido adquirir aqui no CEFOMP para as unidades de saúde para daí a gente começar a dialogar, trazer e resgatar esses saberes históricos tão importantes. Em janeiro talvez a gente consiga implantar a primeira horta comunitária. A gente tá tentando fazer reuniões de mobilização social na Unidade de Saúde da Família Albert Sabin 1 e 2 com as enfermeiras, porque eu não entendo e não consigo conceber o cuidado com a saúde sem as pessoas, sem a participação ativa das pessoas. E aí a gente tem tentado trazer pessoas chaves dentro do território para construir isso junto, pra planejar junto, pra decidir junto e pra botar a mão na massa junto também, porque as hortas serão feitas pelas pessoas e para as pessoas, então não faz sentido elas não participarem do processo.

Maria Cândida destaca a importância da valorização do conhecimento acumulado ao longo do tempo e ressalta o papel do CEFOMP para a promoção da saúde das populações por meio do uso de medicamentos a base de plantas medicinais, especialmente para as comunidades carentes e também frisa o papel do trabalho coletivo desenvolvido dentro da instituição:

> Esse conhecimento sobre as plantas veio da minha avó e da minha mãe, Dijanira, que gostava muito de plantas e chás, mas a gente aprendeu a fazer os medicamentos com a farmacêutica Eliane Barreto no Centro Nordestino de Medicina Popular. Muita gente valoriza os remédios feitos aqui, muita gente já chegou aqui dizendo que se curou. O papel do CEFOMP é ajudar principalmente as comunidades carentes. Eu torço que chegue mais gente para ajudar, para esse grupo não fechar e poder continuar o trabalho. Eu moro longe, venho três vezes por semana com o sacrifício maior da vida, mas tenho amor ao grupo e continuo vindo (CÂNDIDA, 2019).

Atualmente, além de Maria Cândida, o CEFOMP conta com a participação de voluntárias na manipulação das plantas medicinais e na produção dos medicamentos no laboratório, bem como na formação de membros que já trazem consigo seu conhecimento, e nesse sentido essa troca de experiência tem possibilitado maior aprofundamento das práticas como destaca uma das integrantes do grupo:

> Meu nome é Rosimary Ana da Silva, eu vim através do Centro Nordestino e estou aqui desde 2012. Me apaixonei ainda mais por essa área que eu já conhecia, mas

> melhorei muito com a participação em um curso de boas práticas fitoterápicas e desde então estou aqui buscando ajudar, como voluntária, agora também na manipulação. Desde que cheguei aqui auxilio um pouco no laboratório, um pouco na farmácia, um pouco na horta, ajudando nas oficinas e em tudo o que eu puder ajudar é um prazer. É importante a gente poder aprender a curar com as plantas, de maneira natural e aprender a se alimentar melhor. Melhorei muito como pessoa, cuido melhor de mim e da minha família depois dos conhecimentos daqui (SILVA, 2019).

Rosimary (Fotografia 17) salienta a importância das trocas e diálogos nos processos formativos dentro e fora do CEFOMP e ao ser questionada sobre a origem do seu conhecimento sobre as plantas medicinais e a cura pela natureza destaca que esse saber atravessa gerações dentro da sua família e chega até os dias atuais, além de relatar o quanto esse conhecimento foi fundamental para a cura de doenças de diversas pessoas:

> Minha mãe, Altamira, mais conhecida como dona Dila, foi aluna do doutor Celerino Carriconde no ano de 1986. Eu tinha por volta de quinze anos quando ela começou um curso com o doutor Celerino lá no bairro José Bonifácio, no Recife. Ela sempre foi muito envolvida com as plantas, pois foi criada no município de Palmares, em um sítio. Minha avó, Alexandrina, já cuidou dela e dos irmãos assim. Então esse conhecimento foi passando de mãe pra filha. Doutor Celerino certa vez me disse que ao conhecer minha mãe ficou surpreso e afirmou que o conhecimento dela sobre as plantas era fantástico. Quando ele conheceu minha mãe ela curava problemas de cansaço das pessoas. Ela curou meu filho e ele está vivo até hoje. Eu ensinei essa cura pra minha amiga e até hoje ela me agradece, pois o filho dela já estava com oito anos de idade sofrendo muitas internações com crise de asma. Minha mãe tinha muito amor às plantas e aos animais. Eu nasci e me criei na rua João Cândido, no bairro Alto Santa Teresinha, e quando alguém adoecia a primeira coisa que diziam era “vá em dona Dila, se ela não resolver leve pro médico”. Ela fazia os medicamentos e doava para as pessoas. Ela era a curandeira do bairro. Eu tenho quatro filhas e elas já estão começando a aprender, estão começando a se interessar, pois agora já tem suas crianças e estão começando a passar por suas experiências (SILVA, 2019).

Fotografia 17: entrevistada Rosimary

Fonte: O autor, 2019

Mary, como é mais conhecida, ressalta que esse conhecimento atualmente é desvalorizado e que as pessoas, principalmente as mais idosas, sofrem pois não conseguem ter acesso as plantas medicinais, sobretudo pela desqualificação dos seus saberes e o que lhes resta de alternativa são os medicamentos industrializados:

> Lá no condomínio que eu moro tem muitas idosas. As vezes eu chego e pergunto: oi tudo bom? Bom dia, como a senhora tá? Ela vai logo falando: minha filha eu não tô bem, eu tô doente. Então eu pergunto: e aquele chá que a sua avó e a sua mãe fazia, a senhora faz? E ela responde: não, pois hoje em dia minha filha não deixa, corre logo pra farmácia, então trás aquele monte de remédios, a gente se entope de remédios e quando a gente quer tomar um chá ela não deixa pois não compreende e diz que é tudo mato (SILVA, 2019).

Vandana Shiva (2003) ao analisar esse processo o denonima de colonização intelectual, que cria as monoculturas da mente, e caracteriza o sistema de conhecimento vigente como um sistema local baseado em culturas, classes e gêneros singulares, cujos padrões de estruturação e legitimação assim como suas práticas e organização social geram dominação e desigualdades. Os sistemas modernos de conhecimento vêm de uma cultura "ultradominadora e colonizadora [...] e são, eles próprios, colonizadores" (Shiva, p. 21, 2003). Na concepção de Shiva, a cultura e o conhecimento da ciência ocidental tornaram-se hegemônicos e foram considerados o único caminho possível para perceber a realidade e agir no mundo. O que as descobertas científicas não confirmam é considerado não científico, primitivo e inexistente com o tempo. A autora afirma que o futuro dos sistemas locais de saber está subjugado por políticas de eliminação e não por políticas de diálogo e que o desaparecimento do saber local para abrir caminho para o saber ocidental dominante é feito através de muitos processos e em muitos níveis. De acordo com a autora, a maneira mais eficaz de fazê-lo desaparecer é negar sua existência (Shiva, 2003).

Dona Dila e Maria Cândida são exemplos de potencialidade e sabedoria, sobretudo no cuidado com a saúde humana e ambiental, entretanto o reconhecimento, a revalorização e o ensino dos seus saberes é um fator imprescindível, e ainda que esses saberes sejam considerados primitivos pelo pensamento monocultural ocidental, é a partir dessa sabedoria popular que se viabiliza a percepção da vida desde uma perspectiva integradora como bem aprofunda Pereira (2005):

> São inúmeros casos ilustrativos que estão presentes em nossas terras, e que são um potencial social e ecológico, e que apesar de na concepção ocidental dominante serem lidas como atrasadas primitivas, são avançadas. Conseguem lidar com a vida em seu conjunto, integrando dimensões que foram separadas na sociedade moderna, e que muito está custando para serem resgatadas (PEREIRA, 2005, p. 271).

A esse respeito, ao ser questionada sobre a importância da revalorização desses saberes, Rosimary afirma que o conhecimento popular é construído ao longo do tempo e que as gerações atuais precisam acessar esse conhecimento para garantir a continuidade do mesmo, bem como para assegurar a sua autonomia sobretudo no que diz respeito ao cuidado com a saúde humana e ambiental. Nesse sentido, Rosimary lembra da necessidade da valorização do saber popular para o uso e manejo de sistemas diversificados de alimentos e de plantas medicinais e expõe parte da diversidade presente na farmácia viva do CEFOMP:

> Atualmente a farmácia do CEFOMP conta com uma grande diversidade de plantas medicinais e alimentícias como por exemplo a artemísia, o cajú, bredo, quiabo, coco, manjericão, cana, acerola, cacau, batata doce, macaxeira, couve, mamão, tomate cereja, erva ferro, confrei, vassorinha de botão, crajiru, colônia, ortiga, espinho de cigano, rabo de raposa, melão de são caetano, xambá, camomila, babosa, mulungu, aroeira, mutamba, alecrim pimenta, atipim, hortelã miúda, hortelã graúda, erva lanceta, corama branca, corama roxa, arruda, erva cidreira, taioba, cana de macaco. São muitas variedades presentes nesse espaço (SILVA, 2019).

No que concerne aos processos de formação, o CEFOMP tem avançado no sentido de articular os saberes sobre as plantas medicinais e alimentícias. Nesse contexto, ressalta-se a participação dos membros (Fotografia 18) do CEFOMP no seminário de avaliação do projeto “Sistemas Alimentares Sustentáveis: Caminhos para a Alimentação Saudável”, ocorrido em novembro do ano de 2019 e organizado em parceria com o Centro Nordestino de Medicina Popular. O projeto tinha como objetivo formar lideranças - mulheres e homens -, para divulgar o conhecimento adquirido na formação sobre alimentação saudável e sistemas alimentares com vistas a impulsinar a conscientização e a transformação dos hábitos alimentares nas famílias e comunidades de atuação dos participantes. Os grupos ressaltaram o poder da incidência política e a necessidade de lutar por uma política de Segurança Alimentar e Nutricional por meio do controle social em seus territórios.

Fotografia 18: seminário de avalição de projeto do CNMP

Fonte: O autor, 2019

Conceição Paiva, que coordenou a realização desse seminário, destaca a importância dessas formações e reafirma o papel pedagógico, social e político do CNMP na articulação e mobilização dos grupos envolvidos nos processos formativos, ressaltando os rebatimentos desses processos nas comunidades em que essas lideranças estão inseridas, bem como enfatiza o sentido da Educação Popular nesses processos:

> Para o CNMP o princípio da Educação Popular é uma ferramenta pedagógica para trabalhar a Promoção da Saúde, em uma perspectiva de promover as pessoas, de dialogar e viabilizar os seus conhecimentos, valorizar esses conhecimentos e respeitar os conhecimentos sobre a saúde que essas pessoas possuem. Em uma perspectiva de promover as pessoas, de tratar sobre os fatores, os condicionantes sociais relacionados a Promoção da Saúde. Não é só o uso da planta, não é só o plantar, o colher e manipular, mas é tá sempre trazendo essa dimensão social dentro do contexto em que essas pessoas vivem, onde elas reproduzem a sua vida, produzem e reproduzem a vida. A Educação Popular também é uma estratégia para possibilitar a integração, o diálogo, a interação e a construção de conhecimentos e trocas de saberes. Quando a gente pensa na perspectiva da Educação Popular a gente tá pensando nessa lógica para consolidar a experiência do trabalho social que é desenvolvido pelo CNMP junto aos grupos sociais, as lideranças, as famílias, com os parceiros, enfim, tem esse sentido a Educação Popular para nós (PAIVA, 2019).

Essas formações que os membros do CEFOMP participam tem contribuído para a discussão sobre SAN e tem sido responsáveis pelo fortalecimento de diversas lutas no âmbito do município de Paulista, possibilitando a aproximação da população camponesa e viabilizando a compreensão da realidade das agricultoras e agricultores que vivem no espaço agrário municipal. Nesse contexto, destaca-se a articulação social do CEFOMP na luta pelo fortalecimento da agricultura camponesa de base agroecológica conjuntamente com os/as agricultores/as, mobilizando parcela da população urbana no debate público sobre a necessidade e a importância da implementação de uma política de SAN no muncípio.

3.2. O debate público sobre Segurança Alimentar e Nutricional no município de Paulista (PE)

Como visto anteriormente, o CEFOMP é uma instituição muito ativa no município de Paulista e seus membros estão inseridos em diferentes espaços de participação e controle social, a exemplo da Comissão Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Essa comissão, composta pelo CEFOMP e outras entidades e organizações como sindicatos, lideranças camponesas e movimentos sociais tem lutado e se articulado no sentido de criar o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Paulista (COMSEA

Municipal) com vistas a implementar uma política de SAN no município.

Essa articulação foi responsável pelas realizações de conferências municipais para debater os desafios e os limites para a criação do CONSEA Municipal e nesse sentido, destaca-se a organização e realização da II Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional do Município de Paulista (Fotografia 19) que teve como mote orientador do debate o tema "Comida de verdade no campo e na cidade na luta por direitos". A conferência aconteceu no dia 17 de julho de 2019 no auditório do anexo da faculdade Joaquim Nabuco no centro do município de Paulista e contou com um público de 74 participantes entre membros da sociedade civil organizada e representantes das secretarias municipais de saúde, educação e meio ambiente.

Fotografia 19: II Conferência de Segurança Alimentar e Nutricional do Município de Paulista

Fonte: O autor, 2019

A conferência foi convocada pela sociedade civil em função da ausência do poder público enquanto poder executivo municipal, pois este não demostrou interesse pela sua realização, nesse sentido, a comissão organizadora em esforço conjunto com a comissão de SAN criou a proposta regimento, minuta do decreto de convocação, além de todo o material necessário para a realização do evento. O governo municipal havia sinalizado que iria convocar a conferência e faltando quatro dias para a sua realização recuou e, nesse interim, a comissão organizadora já havia se preparado previamente caso isso ocorresse. A conferência teve toda a sua estrutura de forma compartilhada da seguinte maneira:

- Local cedido pela faculdade Joaquim Nabuco;
- Alimentação e lanche com frutas, doações das instituições envolvidas na conferência;
- Materiais didáticos foram doados por organizações sindicais, secretarias ligadas a prefeitura, além de apoio com equipamentos e outros serviços do CEFOMP;

- Bolsas confeccionadas para os participantes doadas pelo CEFOMP;
- Doações de copos feita pela faculdade Joaquim Nabuco e pelo CEFOMP;
- Estrutura para inscrição com computadores e organização das inscrições para delegados/as e convidados/as feito por estudantes do IFPE – Paulista;
- Apoio do Conselho Municipal de Saúde de Paulista que cedeu um de seus membros como mestre cerimonial;
- E apoio da secretaria municipal de meio ambiente na impressão de documentos.

Na discussão realizada com base na fala de cada participante foi deliberado que todos os presentes pudessem formular propostas para o município que foram homologadas através do registro de todas as delegadas e delegados da conferência. Nesse contexto, destacam-se alguns questionamentos formulados pelos sujeitos presentes na conferência, tais como: de que maneira o poder executivo dialoga sobre os assuntos com os demais setores relacionados com a política de SAN? Quais as intervenções de apoio às iniciativas que seguem na discussão da criação do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional no município de Paulista? Como os demais setores do governo municipal interagem entre si, no sentido da criação de uma política de SAN? Qual a situação real da mulher e do homem do campo e demais seguimentos que discutem essa temática hoje no município de Paulista? Esses quesitonamentos suscitaram as reflexões e discussões e foram responsáveis pela elaboração das propostas da conferência.

Essa conferência teve como um de seus principais encaminhamento a necessidade da realização de uma audiência pública para apresentar as propostas elaboradas. A audiência ocorreu no dia 4 de dezembro de 2019 e contou com a participação de membros da comissão organizadora da conferência, instituições e entidades da sociedade civil organizada, como o CONSEA Estadual, o CNMP, o CEFOMP, sindicatos, conselheiros e lideranças de movimentos sociais, bem como da comunidade local. Na audiência deliberou-se a necessidade de criar uma comissão para discutir e elaborar um projeto de lei para a criação do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional que será apresentada e submetida em nova audiência ao Poder Executivo de Paulista no ano de 2020 com vistas a implantar uma política de SAN no município.

Sobre a realização dessa conferência, Terezinha salienta o papel histórico do CEFOMP de articular e mobilizar ações dessa natureza. Ao longo de sua trajetória, o CEFOMP vem se consolidando como uma instituição articulada e articuladora de processos políticos no âmbito do município de Paulista, processos esses que são decivos para a proposição de diretrizes e o controle social dos orgãos de gestão pública:

> O CEFOMP desde que foi fundado além de assumir as suas prerrogativas da área

> técnica de saúde e de plantas medicinais da farmácia viva e dos medicamentos, a instituição tem uma prerrogativa que eu acho importante tanto quanto que é do controle social, é participar dos conselhos, é participar das conferências municipais, participar das conferências estaduais, participar de conferência nacional, como já se participou de várias conferências nacionais. Então esse papel de conscientizar, esse papel de trazer a responsabilidade do poder público para a comunidade o CEFOMP desempenha muito bem e eu sou muito feliz por ter sido uma fundadora e hoje a gente vê que o CEFOMP continua nesse espaço e continua firme, conscientizando e dizendo para qualquer poder público qual é o papel dele e qual é o papel do CEFOMP, nunca confundiu. Uma outra coisa que eu acompanho. Eu faço monitoramento que ninguém nem sabe, mas eu estou observando, se precisar eu falo. Mas nunca confundiu seu papel político enquanto instituição com o papel político-partidário. Nunca confundiu! São muito sábios (FARIAS, 2019).

Esse debate sobre SAN segue vigoroso no contexto do município em tela e tem fortalecido a articulação social dos agentes e instituições envolvidas na luta pelo Direito Humano à Alimentação Adequada e da Soberania Alimentar, com vistas a assegurar o fortalecimento da agricultura familiar camponesa e superar a insegurança alimentar e nutriconal nos diversos espaços, sobretudo nas escolas da rede municipal de ensino, como também na alimentação da população camponesa e urbana, bem como garantir a promoção da saúde humana e ambiental por meio dos mecanismos de controle social e de conservação da agrobiodiversidade local. Nessa perspectiva, os processos culturais, os saberes e práticas agroecológicas, experimentados e compartilhados pelos agricultores, são um elemento central da agrobiodiversidade (Santili, 2009).

3.3. Articulação social e o fortalecimento da agricultura camponesa

O atual processo de expansão urbana e seus diversos impactos e conflitos socioambientais, orientado por um viés desenvolvimentista em andamento no município de Paulista, vem se intensificando e se espraiando em direção ao espaço agrário municipal. Por outro lado, em contraposição, experiências e práticas da agricultura camponesa de base agroecológica revelam as potencialidades das agricultoras e agricultores na conservação da agrobiodiversidade local e as estratégias adotadas face a pressão urbana exercida sobretudo pela especulação do capital imobilário.

Nesse contexto, observa-se que a urbanização do território no município está estreitamente relacionada com a lógica privada do mercado imobiliário, e o Estado, sobretudo em sua instância municipal, tem criado as condições necessárias para a construção de empreendimentos voltados para os setores de serviços, comércio e especialmente condomínios

residenciais. Reconhece-se, a partir da observação do processo vigente de desenvolvimento urbano, a pressão exercida sobre o espaço agrário municipal e uma tendência a incorporação e fragmentação dessas terras pelo mercado imobilário. Essa tendência pode ser observada no avanço da área construída, sobretudo em função de grandes empreendimentos imobiliários, tais como no loteamento e venda das terras, e através da exploração dos recursos naturais da região. O ônus desse processo tem inviabilizado a (re)produção camponesa, provocado a destruição da agrobiodiversidade local, traduzida pela descontiuidade da presença das/os agricultoras/es e dos seus saberes e suas práticas populares de manejo dos agroecossistemas, pelo desmatamento da cobertura vegetal e da perda de nascentes, pela morte incomensurável de espécies da fauna e da flora locais e o empobrecimento da diversidade sociocultural e ecológica.

Ante esse processo, o CEFOMP tem gestado conjuntamente com as agricultoras e agricultores do município uma articulação no sentido de fortalecer a experiência desses sujeitos e discutir alternativas de desenvolvimento no enfrentamento dos conflitos decorrentes da expansão urbana. Dessa articulação, destaca-se realização do I Seminário da Agricultura Familiar de Base Agroecológica do Município de Paulista (Fotografia 20), em parceria com as agricultoras e agriculores do espaço agrário municipal, com o Instituto Federal de Pernambuco (Campus Paulista) e com o Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia – NEPPAG Ayni/UFPE.

Fotografia 20: I Seminário da Agricultura Familiar de Base Agroecológica do Município de Paulista

Fonte: O autor, 2019

Esse seminário teve como eixo orientador das discussões o tema “Resistência Camponesa no município de Paulista” que suscitou o debate sobre os conflitos decorrentes do desenvolvimento urbano em curso no município, bem como a destruição da agrobiodiversidade local e as implicações desse processo para a população camponesa. Também foram pautados os desafios e as perspectivas futuras desses sujeitos, a necessidade de organização das

comunidades envolvidas e o desejo de criar uma associação de base agroecológica e espaços de feiras para a comercialização da produção com vistas a fotalecer a agricultura camponesa da região. O seminário ocorreu no dia 22 de outubro de 2019 no CEFOMP e contou com a presença de membros da sociedade civil, estudantes, universidades e movimentos sociais. A programação iniciou pela manhã com a recepção dos participantes, seguida de uma mística de abertura. A mística realizada pelo NEPPAG Ayni e o líder camponês Júlio Bento refletiu sobre a problemática da urbanização e revelou dimensões dos conflitos acarretados pela expansão urbana, pela violência no campo, pelo distancimento da gestão pública local e pela degradação ambiental no município.

Posteriormente, realizou-se uma roda de abertura com uma breve explanação da direção do CEFOMP sobre a trajetória de atuação política, social, pedagógica e ecológica da instituição, ressaltando a sua importância dentro do município e o papel desempenhado na articulação do seminário conjuntamente com as agricultoras e agricultores e demais parceiros envolvidos na organização do evento. Na sequência ocorreram duas palestras, ambas ministradas pelo Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) e discorreram sobre o histórico da zona rural do município e sobre a perspectiva agroecológica na produção diversificada de alimentos, no cultivo sem veneno em perspectiva de conservação da agrobiodiversidade. Realizou-se um almoço solidário e coletivo onde os participantes presentes puderam partillhar o alimento e simultâneamente ocorreu uma troca de sementes (Fotografia 21) entre as agricultoras e agricultores e demais participantes do seminário. Essa experiência criou um espaço de diálogos entre os sujeitos envolvidos e possibilitou conhecer parte da diversidade do território da população camponesa.

Fotografia 21: momento de troca de sementes

Fonte: O autor, 2019

Essas articulações gestadas e impulsinadas pelo CEFOMP evidenciam seu papel social, político, pedagógico, ambiental e cultural no âmbito do município de Paulista, atuando em parceria com diversas organizaçãos que se alinham no sentido de realizar ações de incidência política e de controle social, bem como do fortalecimento das populações camponesas e urbanas, ampliando, aprofundando e dando novo sentido ao trabalho desenvolvido com as comunidades.

Esse processo evidencia o trabalho que o CEFOMP desenvolve nesse território e responde aos questionamentos levantados na pesquisa e desse modo atinge seus objetivos, cumprindo com isso sua função de elucidar essa realidade complexa e desafiadora, através da revalorização da sabedoria popular e da construção social do conhecimento, legitimando e enaltecendo suas potencialidades por meio do diálogo de saberes, possibilitando que o território fale desde quem vive nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revalorização e o ensino dos saberes e práticas populares é um processo que tem possibilitado o resgate, o fortalecimento e a soberania de diversos povos e territórios, entretanto, esse processo depende fundamentalmente do reconhecimento dos limites da ciência moderna decorrente do desenvolvimento contraditório do capitalismo e do questionamento da sua hegemonia na construção do conhecimento e nas relações sociedade e natureza. Nessa perspectiva, a Agroecologia emerge como um paradigma que se contrapõe ao modelo dominante do pensamento ocidental, na produção e reprodução da vida por meio do trabalho humano, enquanto prática social, ecológica, pedagógica e cultural; através do movimento que articula experiências distintas e diversas, bem como enquanto ciência contra hegemônica que se constrói desde uma perspectiva dialógica na construção do conhecimento.

A construção do conhecimento agroecológico têm possibilitado o fortalecimento da experiência em tela, detentora de uma complexidade que transcende a visão cartesiana e reducionista da ciência moderna. Nesse contexto, o CEFOMP tem contribuído para a gestação de novo sentido nas relações sociedade e natureza, por meio da valorização dos saberes populares e das práticas agroecológicas, da promoção da saúde e do fortalecimento dos agentes sociais, sobretudo das mulheres.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se o papel das mulheres no trabalho desenvolvido no e pelo CEFOMP, desde o manejo, produção e comercialização dos remédios naturais, bem como nas ações de incidência política e controle social. São essas as mulheres que majoritariamente desenvolvem e fortalecem o trabalho empreendido pela instituição. Nesse

sentido, há uma mudança qualitativa no papel desempenhando pelas mulheres. Compreende-se que essa mudança está intimamente relacionada com os princípios da Agroecologia. Desde a perspectiva agroecólogica o fortalecimento feminino se constrói nas relações sociais, na divisão do trabalho, nas práticas e na produção do conhecimento.

Em nossa reflexão e estudo sobre a experiência do CEFOMP elucidou-se também um processo conflituoso em curso no município de Paulista. Trata-se da problemática do desenvolvimento urbano e os diversos impactos e conflitos socioambientais associados a esse processo. As agricultoras e agricultores do espaço agrário municipal estão sendo encurralados de diversas formas, a saber: através da expeculação do capital imobilário, por meio da incorporação e fragmentação de terras antes destinadas a produção e a reprodução camponesa, como também pela exploração e destruição dos bens naturais comuns a população e pela violência e perseguição no campo. Diante desse problema, questiona-se quais são as implicações espaciais decorrentes do processo de urbanização do território no município de Paulista? Quais são as estratégias utilizadas pelos camponeses ao serem atravessados por esse processo e de que maneira as potencialidades das práticas agroecológicas estão contribuindo para a reprodução social desses sujeitos e para a conservação da agrobiodiversidade local?

São esses questinamentos que nos convidam a uma nova e mais aprofundada reflexão no sentido de elucidar e compreender a realidade da população camponesa no município de Paulista. Desse modo, nos lançamos em novo estudo que será desenvolvido no âmbito de um projeto de mestrado vinculado ao Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGeo/UFPE).

REFERÊNCIAS

ABREU E LIMA, M. do S. **Revisitando o campo:** lutas, organização, contradições – Pernambuco 1962-1987. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

BRANDÃO, C.R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, Janeiro 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica. Brasília: MS; 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos, Cadernos de Atenção Básica, n. 31).

CASADO, G. G.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; MOLINA, M. G. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madri: Mundi-Prensa, 2000.

COSTA, J. M. C. **A educação popular em saúde na comunidade do Morro da Conceição**

Recife-PE: Memória de líderes comunitários como atores políticos na configuração da política de saúde (1980-1995). Dissertação (Mestrado em Programa De Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

FARIA, A. A. C. **A educação que constrói a agroecologia no Brasil:** trajetórias de um vínculo histórico. 2017. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 127 p

NAVOLAR, T.S.; RIGON, S.A.; PHILIPPI, J.M. Diálogo entre agroecologia e promoção da saúde. **Rev Bras Promoc Saude**. 2010; 23(1):69-79.

MATOS, F. J. A. **Farmácias vivas:** sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 3. Ed. Fortaleza: EUFC, 1998.

MORES, Diana; CARRICONDE, Celerino. Fitoterapia como Política Pública no Brasil: Uma Conquista em Construção. In: **Políticas públicas para o semiárido**: experiências e conquistas no Nordeste do Brasil. organizadores, Angela Küster, Jaime Ferré Marti. - Fortaleza : Fundação Konrad Adenauer, 2009, p. 80-94.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Desenvolvimento e meio ambiente: o todo é maior que a soma das partes. **Revista Plurais**, Universidade Estadual de Goiás, v.1 n.2, 2005, 265-272.

_____. Revolução Verde. In: ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO. **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p.685-689.

_____. Agroecologia na formação universitária: da ecologia à Agroecologia e do ecossistema ao agroecossistema**. I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia**, Recife, 2013.

PETERSEN, P. **Agroecologia em construção: terceira edição em um terceiro contexto**. In: ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. rev. ampl. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012. 400 p.

RIBEIRO, S. M. **Agricultura urbana agroecológica sob o olhar da promoção da saúde:** a experiência do projeto Colhendo Sustentabilidade - Embu das Artes-SP. 2013. 225 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. 7ª edição. São Paulo: Cortez Editora. 2010.

SCHMITT, C. J; PETERSEN, P. F. Transição Agroecológica: Revisitando o Conceito a Partir das Experiências Desenvolvidas por Camponeses e Agricultores Familiares no Semi Árido

Brasileiro e em Ambientes de Agricultura Modernizada no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, nov/2009.

SANTILI, Juliana. **Agrobiodiversidade e Direito dos Agricultores**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2013.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gala, 2003. Trad. Dinah de Abreu Azevedo.

SILVA L.A.D & R ALBIERO, A.L.M. Programas de fitoterapia na atenção primária à saúde: existem experiências exitosas? **Rev Bras. Farm** 95 (3): 889 – 908, 2014

SILVA, Karla Rafaella Seabra da. **Prática tradicional ecológica com plantas medicinais:** a revalorização da medicina popular e da saúde pela natureza. 2017. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Geografia, Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Cap. 3.